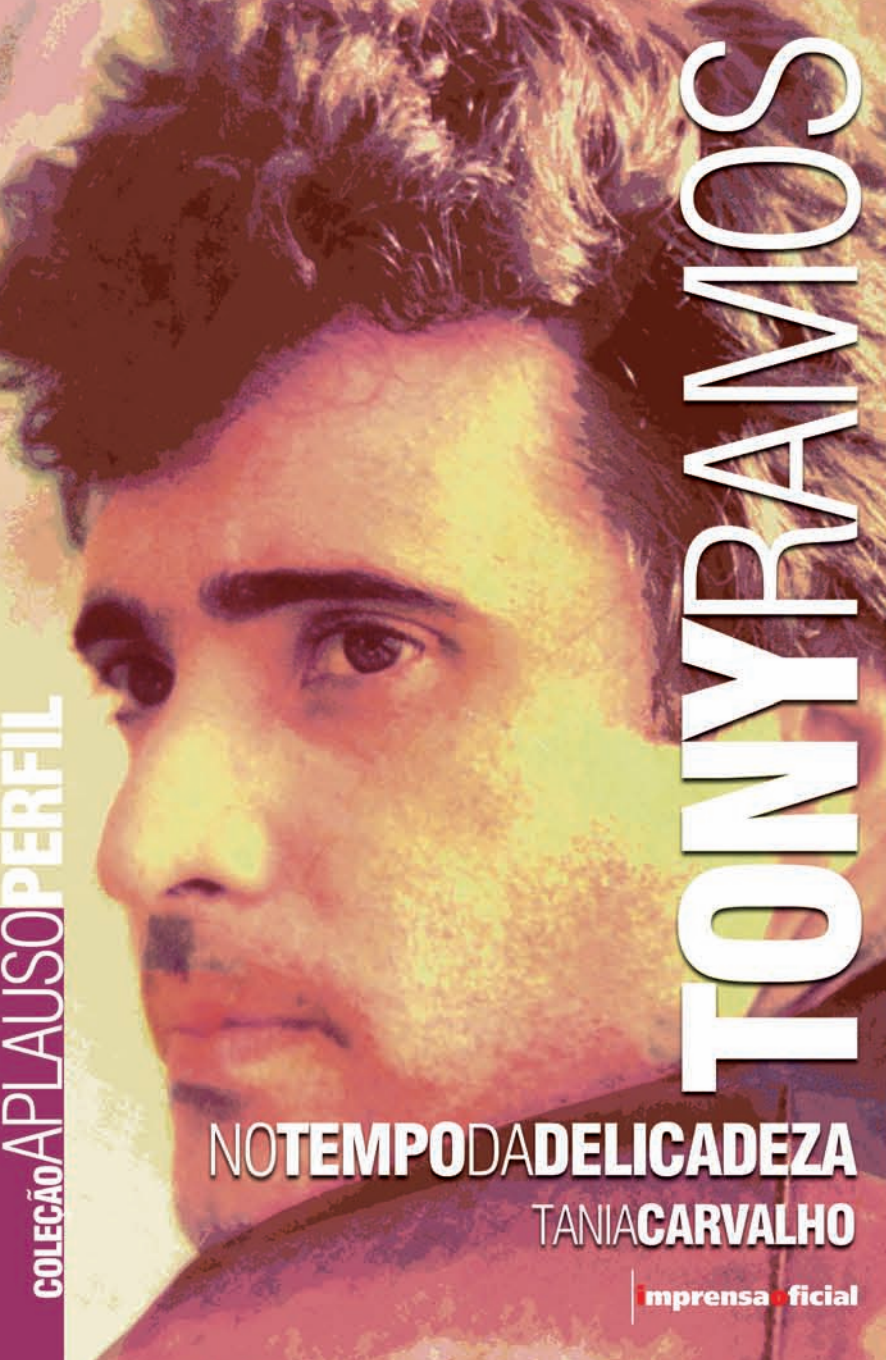


A close-up, high-contrast portrait of actor Tony Ramos. He has dark, curly hair and is looking slightly to the left. The lighting is warm, with a strong yellow and orange glow on the right side of his face, while the left side is in shadow. The background is dark and indistinct.

COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

TONY RAMOS

NO TEMPO DA DELICADEZA

TANIA CARVALHO

Imprensa Oficial

Tony Ramos

No tempo da delicadeza

Tony Ramos

No tempo da delicadeza

Tania Carvalho

| imprensaoficial

São Paulo, 2006

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Governador
Secretário Chefe da Casa Civil

Cláudio Lembo
Rubens Lara

imprensaoficial

Diretor-presidente
Diretor Vice-presidente
Diretor Industrial
Diretora Financeira e
Administrativa
Chefe de Gabinete

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Hubert Alquéres
Luiz Carlos Frigerio
Teiji Tomioka
Nodette Mameri Peano
Emerson Bento Pereira

Coordenador Geral
Coordenador Operacional
e Pesquisa Iconográfica
Projeto Gráfico
Assistência Operacional
Editoração
Tratamento de Imagens
Revisor

Coleção Aplauso Perfil

Rubens Ewald Filho
Marcelo Pestana
Carlos Cirne
Andressa Veronesi
Aline Navarro
José Carlos da Silva
Sárvio N. Holanda

Apresentação

“O que lembro, tenho.”

Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, tem como atributo principal reabilitar e resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas do cinema, do teatro e da televisão.

Essa importante historiografia cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. O coordenador de nossa coleção, o crítico Rubens Ewald Filho, selecionou, criteriosamente, um conjunto de jornalistas especializados para realizar esse trabalho de aproximação junto a nossos biografados. Em entrevistas e encontros sucessivos foi-se estreitando o contato com todos. Preciosos arquivos de documentos e imagens foram abertos e, na maioria dos casos, deu-se a conhecer o universo que compõe seus cotidianos.

A decisão em trazer o relato de cada um para a primeira pessoa permitiu manter o aspecto de tradição oral dos fatos, fazendo com que a memória e toda a sua conotação idiossincrásica aflorasse de maneira coloquial, como se o biografado estivesse falando diretamente ao leitor.

Gostaria de ressaltar, no entanto, um fator importante na *Coleção*, pois os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que caracterizam também o artista e seu ofício. Tantas vezes o biógrafo e o biografado foram tomados desse envolvimento, cúmplices dessa simbiose, que essas condições dotaram os livros de novos instrumentos. Assim, ambos se colocaram em sendas onde a reflexão se estendeu sobre a formação intelectual e ideológica do artista e, supostamente, continuada naquilo que caracterizava o meio, o ambiente e a história brasileira naquele contexto e momento. Muitos discutiram o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida. Deixaram transparecer a firmeza do pensamento crítico, denunciaram preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando o nosso país, mostraram o que representou a formação de cada biografado e sua atuação em ofícios de linguagens diferenciadas como o teatro, o cinema e a televisão – e o que cada um desses veículos lhes exigiu ou lhes deu. Foram analisadas as distintas linguagens desses ofícios.

Cada obra extrapola, portanto, os simples relatos biográficos, explorando o universo íntimo e psicológico do artista, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade em ter se

tornado artista, seus princípios, a formação de sua personalidade, a *persona* e a complexidade de seus personagens.

São livros que irão atrair o grande público, mas que – certamente – interessarão igualmente aos nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o intrincado processo de criação que envolve as linguagens do teatro e do cinema. Foram desenvolvidos temas como a construção dos personagens interpretados, bem como a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferenciação fundamental desses dois veículos e a expressão de suas linguagens.

A amplitude desses recursos de recuperação da memória por meio dos títulos da *Coleção Aplauso*, aliada à possibilidade de discussão de instrumentos profissionais, fez com que a Imprensa Oficial passasse a distribuir em todas as bibliotecas importantes do país, bem como em bibliotecas especializadas, esses livros, de gratificante aceitação.

Gostaria de ressaltar seu adequado projeto gráfico, em formato de bolso, documentado com iconografia farta e registro cronológico completo para cada biografado, em cada setor de sua atuação.

A *Coleção Aplauso*, que tende a ultrapassar os cem títulos, se afirma progressivamente, e espera contemplar o público de língua portuguesa com o espectro mais completo possível dos artistas, atores e diretores, que escreveram a rica e diversificada história do cinema, do teatro e da televisão em nosso país, mesmo sujeitos a percalços de naturezas várias, mas com seus protagonistas sempre reagindo com criatividade, mesmo nos anos mais obscuros pelos quais passamos.

Além dos perfis biográficos, que são a marca da *Coleção Aplauso*, ela inclui ainda outras séries: *Projetos Especiais*, com formatos e características distintos, em que já foram publicadas excepcionais pesquisas iconográficas, que se originaram de teses universitárias ou de arquivos documentais pré-existentes que sugeriram sua edição em outro formato.

Temos a série constituída de roteiros cinematográficos, denominada *Cinema Brasil*, que publicou o roteiro histórico de *O Caçador de Diamantes*, de Vittorio Capellaro, de 1933, considerado o

primeiro roteiro completo escrito no Brasil com a intenção de ser efetivamente filmado. Paralelamente, roteiros mais recentes, como o clássico *O caso dos irmãos Naves*, de Luis Sérgio Person, *Dois Córregos*, de Carlos Reichenbach, *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé, e *Como Fazer um Filme de Amor*, de José Roberto Torero, que deverão se tornar bibliografia básica obrigatória para as escolas de cinema, ao mesmo tempo em que documentam essa importante produção da cinematografia nacional.

Gostaria de destacar a obra *Gloria in Excelsior*, da série *TV Brasil*, sobre a ascensão, o apogeu e a queda da TV Excelsior, que inovou os procedimentos e formas de se fazer televisão no Brasil. Muitos leitores se surpreenderão ao descobrirem que vários diretores, autores e atores, que na década de 70 promoveram o crescimento da TV Globo, foram forjados nos estúdios da TV Excelsior, que sucumbiu juntamente com o Grupo Simonsen, perseguido pelo regime militar.

Se algum fator de sucesso da *Coleção Aplauso* merece ser mais destacado do que outros, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

De nossa parte coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa

documental e iconográfica, contar com a boa vontade, o entusiasmo e a generosidade de nossos artistas, diretores e roteiristas. Depois, apenas, com igual entusiasmo, colocar à disposição todas essas informações, atraentes e acessíveis, em um projeto bem cuidado. Também a nós sensibilizaram as questões sobre nossa cultura que a *Coleção Aplauso* suscita e apresenta – os sortilégios que envolvem palco, cena, coxias, set de filmagens, cenários, câmeras – e, com referência a esses seres especiais que ali transitam e se transmutam, é deles que todo esse material de vida e reflexão poderá ser extraído e disseminado como interesse que magnetizará o leitor.

A Imprensa Oficial se sente orgulhosa de ter criado a *Coleção Aplauso*, pois tem consciência de que nossa história cultural não pode ser negligenciada, e é a partir dela que se forja e se constrói a identidade brasileira.

Hubert Alquéres
Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Para todos aqueles que, como Tony,
acreditam no valor da ética.*

Tania Carvalho

Introdução

Todas as vezes que saí da casa de Tony Ramos, me vi cantarolando uma música de Chico Buarque, em parceria com Cristóvão Bastos: *Todo Sentimento*. Que coisa estranha! E assim foram todos os dias, em janeiro, fevereiro, março e abril de 2005, em que nos encontrávamos em seu apartamento no Leblon, pelo menos uma vez por semana. Intrigada, prestei bastante atenção nas palavras do poeta. E lá estava a chave. Chico fala de um tal “tempo da delicadeza”. É neste que Tony Ramos vive constantemente: educado, carinhoso, preocupado, ético, amigo, cidadão, tem bastante claro que a vida é, antes de tudo, simples e que é preciso vivê-la com ternura e delicadeza. E ainda outro verso define com precisão a sua relação com Lidianne, com quem está casado há 36 anos: “apenas seguirei, como encantado, ao lado teu”. Ela é a sua companheira, amante, amiga, “a mulher da minha vida” e está presente em todos os capítulos deste livro, pois em todos os momentos ela é fundamental.

13

Tony gosta de falar e usa palavras sem medo. Devorador de livros desde a infância, tem extenso vocabulário, que utiliza com precisão. “Não gosto de dizer que tenho orgulho, mas sim que estou feliz. Não suporto também quando me

perguntam se me sinto desafiado por um personagem. Parece que vou fazer o rally Paris-Dakar. Não me sinto desafiado, mas sim, estimulado. As palavras existem para serem usadas corretamente.” Pouco conjuga os verbos no passado. Como se ele se misturasse com o momento atual, pois está sempre em suas recordações, o que passou é lembrado com o verbo no tempo presente. Além disso, não espere um relato simplesmente cronológico da vida e da carreira. Tony pontua o seu depoimento com opiniões fortes sobre o mundo e si mesmo. Embora no começo temesse parecer um “ditador de regras” ou “*rempli de soi-même*”, aos poucos foi-se habituando a se expor, coisa difícil para quem preza tanto a discrição e que estabeleceu há muito tempo cercas em volta da sua privacidade.

Amante da matemática, por vezes, Tony usa exemplos da aritmética, da regra de três, da teoria das probabilidades para resumir fatos da vida. “Viver é simples, resolver a equação demanda raciocínio” – é uma frase, por exemplo, que encerra uma de nossas entrevistas. E dá o que pensar. Como tudo o que Tony diz, porque procedente. Suas opiniões são fortes e absolutamente antenadas com o momento atual, atento que é a respeito de tudo que acontece no mundo – não é à toa que lê cinco jornais por dia.

Paranaense de nascimento, paulista porque foi lá que se criou e carioca por adoção – pois é no Rio de Janeiro que se estabeleceu há vinte e oito anos, quando começou a trabalhar na TV Globo – Tony Ramos é ator desde a infância, quando imitava Fernandel, Jerry Lewis e, especialmente o comediante que mais adorava, Oscarito. Aos 14 anos entrou na televisão. E pouco a pouco foi galgando seu espaço, tornando-se o herói romântico preferido do Brasil, aquele ser idealizado que toda mãe sonhava casar com a sua filha. Como ele conta, porém, desde o início começou dando pistas para o público que não era exatamente como pensava, tão herói assim. Por isso mesmo, assumiu papéis fortes tanto no teatro – *Quando As Máquinas Param e Rapazes da Banda* são dois bons exemplos – quanto na televisão, como o Riobaldo de *Grande Sertão: Veredas*, o José Clementino de *Torre de Babel* e, bem recentemente o Coronel Boanerges de *Cabocla*. “A partir dele, posso fazer qualquer coisa na televisão.”

15

Com 41 anos de carreira, 56 anos de idade, Tony passa incólume pelo deslumbramento. Sabe quem é, o que deseja da vida e, antes de tudo, o que definitivamente detesta: soberba, falta de ética, fofoca. Quer fazer o seu trabalho bem, assim como quer voltar calmamente para

a casa todos os dias, deixando o personagem bem longe, ler seus jornais, fazer a sua esteira, conversar com Lidianne, ver alguns filmes, enfim, “ter uma vida absolutamente normal, igual a todo mundo”.

16 Reconhecido por seus pares por ser um grande e bem-humorado companheiro de trabalho, aquele que tem a piada certa para desanuviar a tensão da espera pelas gravações; querido pelo público que o elegeu galã há muitos anos, apesar do seu nariz adunco, sua estatura normal, a barriguinha, às vezes, proeminente; elogiado pelos jornalistas, que por ele são sempre bem-recebidos, desde que não tentem invadir a sua privacidade – e eles nem tentam, dado o respeito que sentem pelo ator; premiado tantas vezes pelos críticos, Tony Ramos é um homem admirável – embora vá fazer cara feia para esta frase – e ouvir o seu depoimento para este livro foi, mais do que um prazer, uma incrível honra.

Tania Carvalho

abril de 2005

*A você, Lidianne, companheira, amiga,
definitiva e fundamental nesta história.
A todos meus amigos e familiares a quem
respeito, e com quem tenho prazer e
muito carinho em conviver. Aos colegas
desta profissão a qual eu tanto me
dedico e com grande respeito a todos eles,
colegas de dia-a-dia. Ah! Um beijo, Di.*

Tony Ramos

Capítulo I

Sei o que sou

O que me move? O que me estimula? – essas são perguntas que freqüentemente me faço. Na minha vida existem duas locomotivas que caminham em trilhos paralelos, que nunca se cruzam em uma interseção. Eles andam na mesma velocidade. Um trem é o da profissão, do trabalho, que está nos trilhos há quarenta e um anos, e que é movido pela inquietação, pela busca da alma dos meus personagens, pelo estímulo do público. O outro é o trem pessoal, não público, intransferível, que foi construído com muito carinho e estão nele Lidiane – companheira, amiga, amante, sábia, organizadora, bem-humorada, libertária e a grande condutora – nossos filhos Andréa e Rodrigo, nossos netos Gabriela e Henrique, minha mãe Maria Antônia, meu tio Clóvis, minha sogra Gilda e todos os agregados. Parece uma expressão forte, mas não é. Pessoas se agregaram mesmo à minha família com o casamento dos filhos. Chegaram a nora Priscilla e o genro Sylvio. E estão todas neste trem da relação humana e familiar. Este é fundamental. A profissão é o que me alimenta, me dá a sobrevivência, que vem me dando até mais, para que possa ajudar a outros. Sei dar a esta locomotiva a velocidade natural e normal

e, quando ela ameaça se cruzar com a locomotiva familiar, sei freá-la. Quando começa muito lero-lero, coisas demais – vamos fazer isso, vamos fazer aquilo – convite pra lá, convite pra cá, eu freio o trem. Na verdade sou estóico com relação à minha profissão. Se amanhã tiver que mudar, mudo. Pode parecer uma afirmação meio maluca, mas sei o que estou falando. É óbvio que levo a sério a minha profissão, acredito no que faço, sou determinado e respeito o público. Mas essa família que construí, pela qual batalhei e pela qual luto, muito vem antes da profissão. E essa não foi uma decisão tomada no reveillon da virada do século. Foi uma conquista, um exercício a partir do momento que me casei. Ficou para trás uma vida e comecei outra quando coloquei uma aliança no dedo. Poderia não ter dado certo, mas deu. E é nessa locomotiva que pretendo estar até o fim da minha vida.

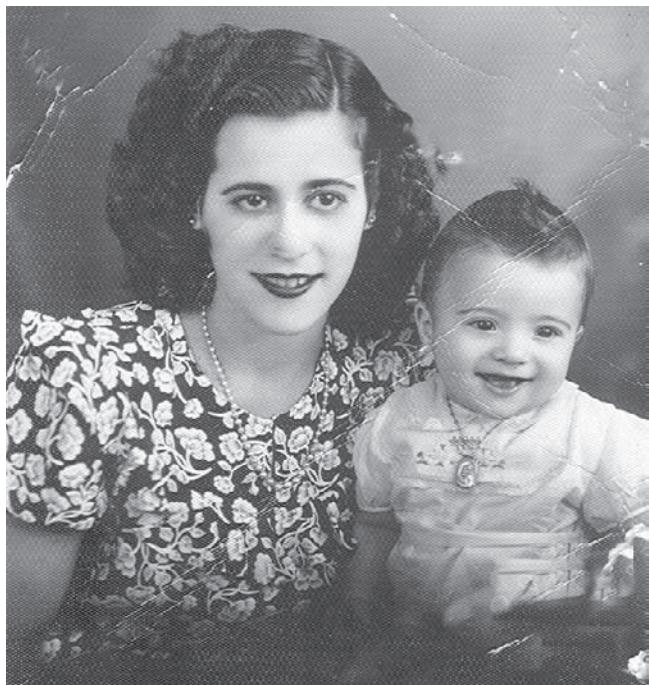
Acho que todo este amor pela família vem de longe. Fui criado por duas mulheres maravilhosas: minha mãe, que corajosamente se desquitou no início dos anos 50, época de grandes tabus; e minha avó, Dona Maria das Dores, a Vó Dodô, que ficou viúva aos 23 anos, batalhou demais para criar os três filhos e estendeu a mão com o maior carinho para minha mãe, se tornando fundamental na minha criação.



Em família: Rodrigo e Priscilla, Andréa e Sylvio, Tony e Lidiane

Infelizmente ela não está mais aqui, ao meu lado. Com essas duas mulheres destemidas aprendi todas as lições. Por causa delas, cresci com uma certeza: o sucesso, o poder, a notoriedade, a fama, não te autorizam, não te qualificam como ser humano e não te fazem melhor do que ninguém. Isso parecia estar presente no meu cotidiano desde a infância, uma bandeira que era empunhada do café da manhã, na cozinha, até a hora de se deitar: você só é um ser humano, a partir do momento em que você olha o outro nos olhos e o respeita como tal na sua crença, na

sua ideologia, no seu modo de vida, na sua loucura, na sua sanidade. E esta lição passei para os meus filhos. Desde pequenos deixei claro que era simplesmente o Antônio, pai deles, cuja profissão garantia a sobrevivência e mais nada, e que o sucesso jamais me abriria portas de maneira escusa. Lidiane também, com seu jeito suave passou também para eles esta mensagem: “você são filhos dele, mas não são ele. Você terão que buscar



Tony Ramos com sua mãe

com dor e alegria o próprio caminho”. E foi isso que fizeram. Embora os dois tenham feito curso no Tablado e tivessem algum dom – e Andréa sabe imitar vozes e as pessoas como ninguém – não tinham a vocação e cada um buscou o seu rumo: Rodrigo é médico; Andréa, advogada. E me comove muito ver que eles jamais usaram o meu



Aos 4 anos



Aos 5 anos, em Avaré

24

nome para nada e que são filhos maravilhosos, a quem adoro.

Não há lugar no meu vernáculo pessoal para as palavras inveja, fofoca, soberba, intolerância, preconceito, “espiação” da vida alheia – que é além da fofoca, uma coisa quase mórbida. Sei de onde vim, como vim, como batalhei, como conquistei sem jamais ter pisado em alguém para chegar aonde cheguei. Se de uma coisa me ufano é de nunca ter prejudicado ninguém, de jamais ter feito aquilo que o outro não quisesse. Nunca tive uma atitude que não fosse cordata com meus colegas de trabalho e com os profissionais que me cercam. Sou consciente, porém, dos meus

direitos e se, dos 150 calos que tenho, pisarem em 149, suporte. Mas ao pisarem no último serei duro, mais sincero ainda e enérgico na defesa dos meus ideais e filosofia de vida.

Sei quem sou, o que quero fazer na vida, o que posso e até o que represento para as pessoas. Quero, porém, conviver naturalmente com isso, porque sou uma pessoa absolutamente igual a todas as outras. Acordo, faço esteira (às vezes não estou com a menor paciência, mas tenho que fazer até por causa da saúde, e faço), vou trabalhar, volto, leio meus livros, vejo televisão e vou dormir. Não sou viciado em Internet, não tenho *hobbies* (o único é um robe de chambre, quando estou com calor), não tenho manias, superstições – para mim sexta-feira 13, é véspera de sábado 14 – não bato na madeira.

25

Gosto dos prazeres da mesa, um bom vinho e uma comida deliciosa, jogar conversa fora, contar piadas, as mais escatológicas, as mais elegantes, as mais recheadas de palavrões, ficar com meus amigos em casa e estar no convívio da minha família.

Odeio a soberba, nada mais odiento, e a indiscrição – adoro ser discreto e isso não me é custoso. O Daniel Filho diz que um bom teste para ator é fazer com que um garçom se aproxime e se ele

gritar “CHAMPANHE”, tenha certeza, é um horror. Mas se a 45 graus de aproximação do *mâitre* ou do garçom quando ele pergunta “o que vai beber, senhor” você responde “Champanhe” em um tom que ele apenas ouça, a cena vai ficar boa. Acho que na vida é a mesma coisa. Não gosto de me expor, em todos os sentidos. Por isso não é muito simples falar de mim mesmo. Tive medo mesmo de fazer parte deste projeto, de fazer uma biografia, por medo de parecer um auto-elogio. Eu não sou essa pessoa e faço questão de não ser. Meus defeitos são variados e nem conseguiria enumerá-los. As minhas ansiedades e angústias, também. Não sou dado à depressão, mas sinto, por vezes, uma melancolia profunda. Às vezes o meu silêncio me reporta à minha primeira infância, inexplicavelmente, avô que sou, sou surpreendido por memórias e me emociona lembrar disso profundamente. Emociona-me lembrar do interior, chegando em São Paulo capital, a luta daquela família, o amor com que cercavam esse menino que era eu. A não presença masculina às vezes me incomodava e ia para um canto e ficava olhando da janela os carros passarem, parece que estava esperando alguém. Às vezes sou acometido por esta emoção e é esta que gostaria de partilhar com os leitores deste livro. Porque, afinal, esta pessoa que teve uma primeira infância cheia de perguntas sem respostas, de silêncios, de tabus, de



Na primeira comunhão

apreensões, de inquietações, mas também de muito amor, resultou em um cara, que é consciente da sua profissão, que respeita os seus pares, jamais se deslumbrou, não sabe o que é competição e que detesta parecer pretensioso ou bonzinho. Não sou uma coisa e nem outra. E também me recuso a ser, como muitos pensam, "quadrado", "certinho", "bom moço". Sou o que sou.

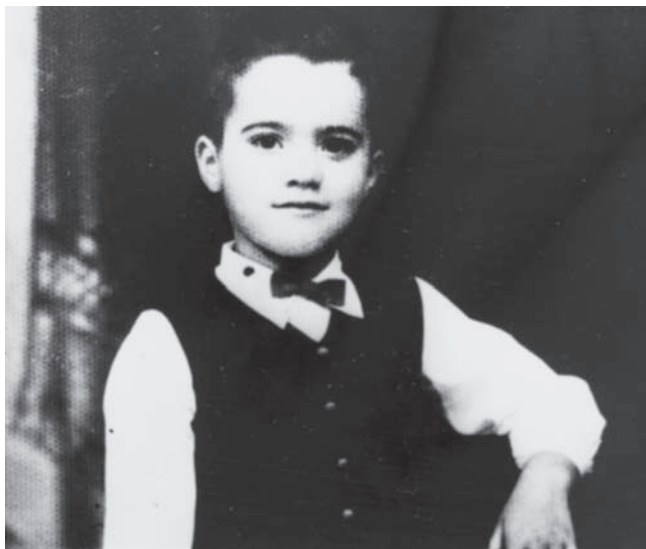
Quando me elogiam, é claro que meu ego fica um pouco massageado, não sou hipócrita. Quando dizem que sou uma unanimidade, que ninguém fala mal de mim, tenho medo, me assusto, mas sei que fiz por merecer. Sou tão preocupado em

ter uma convivência pacífica com as pessoas, que sou capaz de me negar, para que alguém cresça ao meu lado.

Mas não sou bobinho, não. E sem ser também, o que não suportaria ser, um catequizador. E, confesso, que me sinto um pouco incomodado quando dizem que sou generoso, tenho consciência social e não sou estrela. Não acho que são virtudes, mas sim obrigações. E que deveriam ser de todos, pois o mundo seria bem melhor.

Aliás, é um horror a autopropaganda! Chega!

28



Aos 6 anos

Capítulo II

Vida, vida minha

Sou de uma família absolutamente paulista, com descendência de portugueses, espanhóis e italianos. Nasci, no entanto, no Paraná, em Arapongas. Meu pai, Paulo, já é falecido; minha mãe, Dona Maria Antônia está viva e muito bem. Os dois se conhecem no interior paulista, em Valparaíso, e se casam: ela, com 16 anos; ele, com pouco mais de 20. Meu pai não tem uma instrução maior, a não ser o ginásio, e acompanha meu avô Pedro, que está criando novos rumos para a família. Ele é comerciante no interior paulista, mas aproveita o então nascente e promissor Norte Paranaense, que está sendo desbravado, para fincar raízes em outro lugar. Lá se planta na terra roxa um ótimo café. E lá se vai a família do meu pai, com a minha mãe sempre ao lado, em busca de melhor situação financeira.

29

Nasço dois anos depois do casamento, em 25 de agosto de 1948. Minha cidade Arapongas, é só um pouco mais velha do que eu, tendo sido fundada na década de 30. Com menos de um ano de idade, meus pais se mudam: minha mãe não se adapta e meu pai busca novos caminhos, indo parar em Ourinhos, no interior paulista. Ali,

minha mãe começa um novo caminho: retoma os estudos interrompidos. Em retrospectiva, já adulto, consigo perceber que aquele casamento não ia bem desde então, mas isso se confirma quando estou com três anos de idade. A ausência paterna é sentida a partir daí. A figura de um pai desaparece da minha vida e tornam-se mais fortes as figuras de minha Vó Dodô e da minha mãe, que se forma normalista e começa a lecionar como professora primária em vários turnos. Percebo, também, a presença muito forte de meus dois tios: José – irmão do meio de minha mãe, já falecido – e Clóvis, vivo e forte aos 80 anos e que mora até hoje no interior paulista. Eles amenizam a ausência do meu pai, sem nunca se autopretenderem ser meus pais. Nunca ouço eles dizerem: “agora somos seus pais”. Nunca, nunca, nunca. Apenas conversam com aquele garoto sobre futebol, com um carinho todo especial.

Claro que eles tentam preencher este vácuo masculino, mas são trabalhadores do mundo, caixeiros-viajantes. Meu tio Jeje vende de tudo um pouco e é muito bom no que faz. Tio Clóvis tem uma pequena editorial – atacado que revende livros. É ele que me dá o primeiro livro da minha vida: *Don Quixote*. Como bom autodidata me diz: “você está entrando na idade da razão. Tem que saber das boas coisas e dos bons

autores". Ele sabe tudo, embora nunca tenha tido uma educação formal! O *Don Quixote*, uma publicação ilustrada para jovens, é um livro lindo de capa marrom, com filetes dourados, com várias pinturas mostrando *Don Quixote* e sua luta, ao lado de Sancho Pança, contra os moinhos de vento. Aquilo me encanta. Aí nasce, definitivamente, o meu amor pelos livros. Ler é um hábito na casa. Final da tarde chego em casa e sempre vejo minha avó sentada em sua poltroninha, envolvida com um livro. Ela se vira para mim e diz: "oi, filhinho (ela me chama de filhinho), vai tomar um banho, dá uma olhadinha nos deveres que depois é hora da janta". E sempre retoma ao livro

31

(Até hoje sou um devorador de livros. Lorca é meu poeta preferido e gosto de lê-lo no original, que me perdoem os tradutores. Pego o livro, bebo em suas palavras e, se fechar os olhos, me sinto em uma esquina da Andaluzia, ao lado de Dalí, Picasso, Buñuel. Uma guitarra soa plangente... que experiência.)

Minha primeira infância é vivida entre Ourinhos, Jacarezinho e um pouco em Avaré. Aos seis anos, chegamos em São Paulo, a capital, e fomos morar na Avenida Pompéia, 800 em um sobradinho. Quantas coisas naquela grande capital se fixam na minha memória: as árvores frutíferas que existem

na rua e cujas frutas caem no chão; a primeira televisão que vejo na casa do vizinho e pergunto assombrado o que é; a ponte de madeira sobre o Rio Tietê da Vila Maria – minha mãe leciona lá – no qual as pessoas pescam; a concha acústica do Pacaembu, que linda!, com aqueles belíssimos arcos na frente; o Mercado Central; o Teatro Colombo, se não me engano, construído pela comunidade italiana no Brás; o Cine Universo, onde o teto no verão, abre automaticamente e se vê o filme sob o céu estrelado; os casarões da Avenida Paulista. Tenho muitas saudades da São Paulo do lado de lá do cartão postal cinzento e agressivo, da cidade que se escondia atrás de uma poesia

32

(Com vontade política, grana, trabalhando muito, detidamente, com grandes ambientalistas, tenho certeza que em quinze anos existiriam tilápias e bagres de novo no Tietê. Fizeram isso com o Tâmis. Haveria um rio navegável, transporte fluvial, turismo incrementado porque ele é lindo e cruza o estado. Que voltem os arcos e a concha do Pacaembu, Orquestras sinfônicas tocavam na concha acústica. Aí demolem aquilo para fazer aquele horrendo tobogã, para dar x mil lugares a mais, que não acrescentaram nada. É um horror ver jogo dali. Tenho muitas saudades de uma São Paulo lúdica e torço para que a sua vocação para a vanguarda cultural seja retomada. São

Paulo não pode se tornar linda de novo, porque a industrialização e o crescimento mudaram o seu perfil. Não dá mais para tomar chá da tarde no Mappin ou um frapê de coco na Leiteria Paulista, ao lado do Teatro Municipal, mas é preciso buscar no concreto dessa cosmópolis como contornar este problema. E é a mobilização cultural que pode tornar a cidade mais bela.)

Nos tempos da Avenida Pompéia, meus pais se desquitam de fato e perco totalmente o contato com meu pai. Outros tempos! Não falo com dor, mas com uma certa nostalgia, mas muitas indagações ficaram sem respostas pela falta do meu pai. Minha mãe se desdobra para ser também um pai, mas leciona de manhã e de tarde e à noite alfabetiza adultos. Às vezes passa o dia inteiro com um sanduíche e um guaraná caçula na barriga. Minha avó se torna um pouco meu pai e minha mãe, minha confidente, minha conselheira, até para assuntos masculinos. Até para falar de sexo. Quando ela vê que fico meio assim, meio assado e ela diz: "Olha, você está querendo namorar, o que é?". Eu digo: "porque a senhora está falando isso?". "Porque isso não é pecado, não, é normal. Na hora certa você fala com o tio. Tem umas coisas aí que nem sei falar direito, mas aí ele fala". Isso é um dado de modernidade na minha avó fantástico. Ela é capaz de me dizer:

“sexo não é pecado, só tem que ter responsabilidade”. A presença feminina é fundamental na minha casa. Essas duas mulheres me criam com um amor irrestrito, mas com muita energia quando é necessária. Nunca levo um puxão de orelhas, nem um tapa destas mulheres e nem dos meus tios. Nunca levantam a voz para mim, mas o não soa como um trovão. E só me resta dizer: está bem. Depois o trovão ameniza, vira chuvisco e o não é explicado.

34

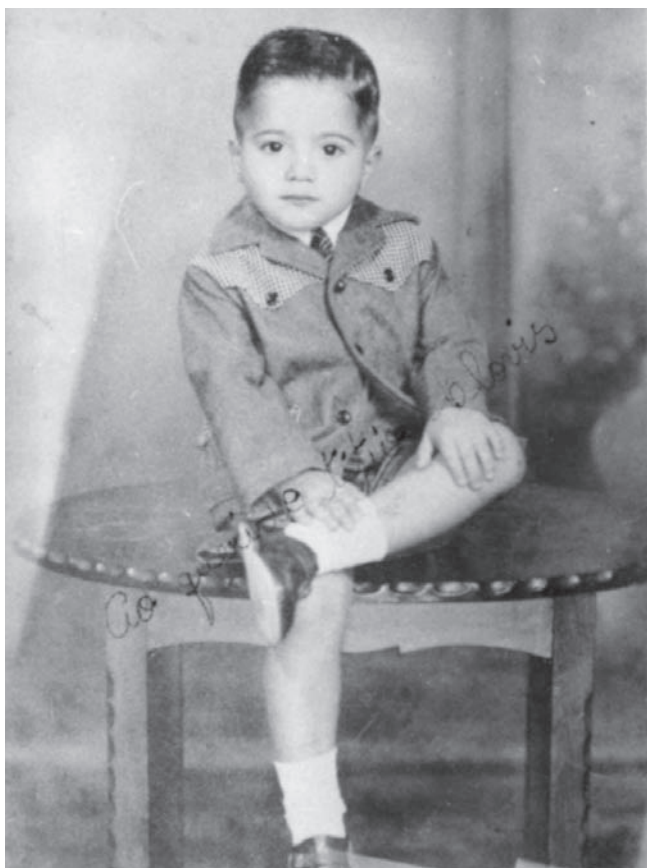
Formamos uma família de classe média, medianinha. Mas a classe média desta época vai ao cinema uma vez por semana. Minha avó me dá dois cruzeiros – acho que era uma nota amarelada com a efígie de Duque de Caxias – e com este dinheiro vou à matinê de domingo, como um sanduíche, tomo uma cerejinha, um chocolatinho e ainda sobram uns cinqüenta centavos que vou guardando. Não temos nenhum tipo de luxo, de oportunidade diferenciada ou sofisticada, mas vivemos com uma dignidade absoluta. O orçamento é dividido entre minha mãe e meus tios e não falta arroz, feijão, macarrão. As aspirações são poucas: não temos telefone, televisão só conheço quando tenho 10 anos de idade e ela existia no Brasil há nove anos. O que importa mesmo é o rádio de válvulas, enorme, que a gente fica ouvindo novelas, futebol, cheio de chiados.

(Essa classe média não existe mais. Hoje há uma série de aspirações que são ofertadas no cotidiano das pessoas, mas a péssima distribuição de renda neste país não permite que elas tenham acesso. Elas foram excluídas naturalmente. Enquanto a renda no Brasil não for distribuída de forma justa, todos se ressentem, até mesmo o comércio e a indústria. Além do mais, se tributa tudo, até o ar que se respira. Ninguém aguenta o tributo em cascata. Há quem diga, mas na Alemanha é pior. Ora, meus senhores, na Alemanha não se paga nem quando se está com dor de dente. A contrapartida é absoluta. Ah, mas na Suécia se paga muito. Bem, mas a renda per capita na Suécia é de 40.000 dólares/ano. Ou seja, tenho respostas prontas para todas estas afirmativas. A verdade é que se paga imposto de mais para retorno de menos aqui no Brasil. Que venha a contrapartida. Que as crianças fiquem na escola de sete horas da manhã às quatro da tarde, com direito à comida, esportes, um piscinão enorme. Essa é uma digressão sociopolítica, mas é o que penso. Vivenciei tudo e sei do que estão falando bem quando aparecem os discursos radicais. Nunca passei fome, nunca me faltou o básico, mas nunca houve, também, luxo na minha vida. Ah, é? Então começa a distribuir a tua renda. Eu distribuo sim. Eu gero empregos através de pessoas que contrato. Quando faço minhas peças teatrais,

estou gerando emprego. Eu não mamo na teta de governo. Trabalho na iniciativa privada há anos. Os patrocínios culturais, acho que na minha vida tive duas ou três vezes. Posso falar que é preciso distribuir a renda, não com o Estado inchado, mas criando responsabilidades ético-comportamentais com os patrões. E tem que vir o exemplo de cima. Parece que estou aqui falando de uma utopia. Utopia é o escambau! Eu acho que é possível, sim, acontecer isso num prazo razoável.)

Sou uma criança calma, às vezes, silenciosa e triste. Na hora em que vou para a rua, sou moleque, gosto de jogar futebol, ando descalço, furo o pé em prego enferrujado. Quando silencio, porém, meu pensamento vai longe. Em casa, ouço música clássica. Enquanto todos colocam na vitrola os hits do momento, fico extasiado ouvindo os eruditos e músicos de jazz: Les Brown, Dinah Shore, Jimmy Durante. Tenho consciência que sou diferente de alguma maneira. Claro que tenho problemas porque minha mãe é desquitada. Brincam comigo, me achincalham. Às vezes, fico quieto. Noutras, me enraiveço, choro e parto para a briga. Levo muita pancada, mas não deixo sem resposta. Sou criança, quer o quê? Ouço todas as insinuações que podem ser feitas sobre uma mulher desquitada. Não agüento, claro! Minha mãe e minha avó só dizem: "deixa falar, rapaz". Para elas, sábias, a violência é o último dos argumentos

(Era uma sociedade hipócrita, quase nojenta, porque cheia de preconceitos e discriminação. E independia da categoria social, não nos iludamos. A hipocrisia velada, dos elegantes salões de chá,



Aos 4 anos

pode ser pior do que a ignorância efetiva, aquela palpável que você vê no menos letrado.)

Sou calmo, mas não sou considerado esquisito pelos meus amigos. E não sou mesmo: conto piadas, imito todo mundo, suas vozes, seu jeito de andar. Eu leio jornal, livro, tudo que me cai à mão, adoro cinema, mas nunca fico com, entre aspas por favor, com “cagação de regra”. A única coisa que enche um pouco a paciência deles é que adoro discussões políticas. Com 13 anos fico falando sobre distribuição de renda, injustiças no mundo

38 *(Um dia, um desses queridos amigos que ainda mantenho da minha infância me disse: “Pô, tu era diferente. Eu me lembro de você falar na hora do jogo de bola, que não podia ser um time mais forte que o outro, era preciso haver equilíbrio”.)*

Sou apaixonado por boxe: Sugar Ray Robinson, Rocky Graziano, Éder Jofre, Cassius Clay. Quando Éder Jofre luta contra John Caldwell no Ibira-puera, não tenho dinheiro para ir. Fico no rádio ouvindo cada *punch*, cada *hook*. É um esporte violento, mas adoro. Assim como amo o cinema: Jerry Lewis, Fernandel, Oscarito – que gênio que é Oscarito – Totó, todos eles, reis da comédia. E os atores ingleses: Alec Guinness, Paul Scofield, Laurence Olivier.

Quando tenho 14 anos, minha mãe se casa de novo e vamos morar, primeiro no Brás, depois no Brooklin. Meu padrasto Salvador é diretor de uma escola; minha mãe continua a dar aulas. Os dois juntam o dinheirinho e me colocam em um curso de inglês. Eu honro o sacrifício deles fazendo um bom curso. Logo começo a ganhar um dinheirinho. Meu primeiro salário é 120 cruzeiros – minha mãe ganhava 200 – e eles me dizem: “este dinheiro é seu para você pagar a passagem e o lanche”. Eu sou prudente. Vou a pé. Em vez de tomar três conduções prefiro andar pelo menos dois trechos do trajeto. Paro na Praça Clóvis para comer dois pastéis e um caldo de cana, o que segura a onda até voltar para casa. Uns dois anos depois, dá para comer na padaria ao lado da Tupi. Passo por tudo isso, ninguém me conta como é vida. Eu sei. E isso não me torna um coitadinho. Não é problema na minha casa viver de acordo com a própria realidade. Pelo contrário, faz-se disso um estímulo. São da Vovó Dodô as palavras: “um início tão sacrificado assim, com certeza te dará uma trajetória muito mais saborosa”.

39

Ah, vovó Dodô! Anos após anos, quando chego em casa, minha avó Dodô está invariavelmente me esperando. Já estou noivo, mas ela me aguarda chegar da Tupi, pergunta como foi o dia,

prepara um mingau de maizena com canela, me abençoa e se deita na cama ao lado para dormir. Nós dividimos o mesmo quarto. No outro dorme a minha mãe e meu padrasto Salvador

(Quando as pessoas dizem que sou um exemplo, porque me casei só uma vez, respondo com tranquilidade: "é porque deu certo". Se não desse, até pelo exemplo familiar de romper as barreiras do preconceito, eu e Lidiiane teríamos aberto a nossa relação há muito tempo. Ela é uma aquariana libertária. E, eu, tenho o exemplo familiar de uma pessoa que não teve problemas em romper a barreira dos preconceitos, de buscar a sua felicidade e se casar três vezes – depois que meu padrasto morreu, minha mãe se casou de novo e também se separou. Eu e Lidiiane estamos juntos, não porque eu seja bonzinho, e ela, caretinha, mas porque deu certo. Matemática: 2 mais 2 são quatro.)

Meu padrasto é uma pessoa muito importante para mim e o chamo de pai. É presente, atuante, companheiro, confidente. Com ele, minha mãe tem uma filha, Francis. Meu Deus, no dia em que ela nasce, fico no cinema o tempo todo. Que medo! Quando nasci, foi preciso usar fórceps no meu parto e minha mãe ficou no hospital um tempo. Na hora da minha irmã nascer, só penso nas palavras de todos, que acham uma teme-

ridade minha mãe ter outro filho aos 36 anos. Que loucura! Tenho dois irmãos, também, pelo lado de pai, mas meu contato com eles é zero. A vida faz isso. É outra época, as cisões são claras. Vivo com a minha mãe e o comportamental da época não permite que casais que se separam, se visitem. É uma hipocrisia absoluta. Quantas histórias ouço de famílias que vivem às turras, mas permanecem casadas. De homens que institucionalizam suas amantes. Minha mãe foi à luta com a maior dignidade e só posso render homenagens a ela. Do meu pai, sinto a nostalgia de não tê-lo



No Nordeste, escreveu Lidiane na árvore

conhecido praticamente. Só o reencontro com 14 anos, por aí, quando um dia minha avó me leva em sua casa, tentando que eu o visse. Alguns anos depois, através de um primo, ele tenta uma outra aproximação. Se contar nos dedos as vezes que vi meu pai, quase que dá menos de 10 dedos, mas não falo isto com tristeza, talvez com tom de lamento. Como teria sido a minha vida com ele? Perco o meu pai e o meu padrasto na mesma época, quando estou fazendo a novela *Pai Herói*. Nossa, que ironia. E quanta tristeza! Que descansem em paz.

42 *(Até hoje tenho momentos de melancolia. Dúvidas, angústias, ansiedades. Quantas, Meu Deus! Todas elas são domadas pelo auto-raciocínio, pela auto-reflexão e pela religiosidade. Às vezes olho pela janela do meu carro e a paisagem se dissipa. Na verdade, estou refletindo sobre a vida, sobre o que quero fazer, o que desejo. Noutros momentos tenho momentos profundos de conversa com São Francisco de Assis. Esta é a minha terapia. E um bom copo de vinho tinto.)*

O trem segue adiante com a família que criei.

Capítulo III

A locomotiva da arte

Minha formação de ator começa com as chanchadas brasileiras, com o cinema europeu, muito popular nas décadas de 50 e 60, com o cinema americano. Sou fruto de Oscarito, Totó, Fernandel e Jerry Lewis. São eles que me despertam para a profissão. Confesso que entro no mundo das artes sem saber bem que será uma carreira, mas sei que, se der certo, serei remunerado. Há uma preocupação muito grande em ganhar meus trocadinhos.

43

(Você só sabe de fato como é uma profissão quando começa a exercê-la. Duvido que um escritor tenha consciência, quando escreve as suas primeiras redações no colégio primário. Duvido que um cartunista, quando desenha seus amiguinhos, saiba que será um grande crítico contemporâneo da sua sociedade. Todo mundo, quando começa a trabalhar em alguma coisa é por dinheiro. É porque quer fazer daquilo que ele acha que gosta, que acha que nasceu para aquilo, algo que lhe dará dinheiro. Eu me recuso a acreditar no purismo da arte pela arte – ele pode existir na ética criativa. Todo artista tem que ser e quer ser remunerado. Enfim o purismo

está na absoluta crença de estar fazendo aquilo com dignidade. O purismo existe, quando se respeita quem o assiste, quando o artista não se acha dono de poderes ou qualificado acima de qualquer outro ser humano, pelo nome ou pelo alcance de sua obra.)

44

Para mim, a arte é a porta de entrada para ganhar dinheiro com prazer. Se imito todo mundo, meus amigos e familiares, faço cenas como Oscarito e Totó – em italiano, sem saber falar a língua e com aquela boca característica do comediante – e a platéia ri devo ter o dom. Muita gente pensa que tem, mas não tem, não existe um dicionário sobre o assunto, um bê-á-bá do dom, mas pressinto que tenho. Teria vocação? Essa é outra questão: vocação é quando você se defronta com os primeiros pequenos problemas, com os segundos grandes problemas e com os enormes problemas definitivos de uma profissão. Se consegue passar por tudo isso sem dizer “que merda de profissão escolhi”, a vocação existe. Mas como saber, sem exercê-la. E se tivesse vocação, mas não o dom? Será que sabia fazer gracinhas e achava que era artista? Há quem imite muito bem o outro. E daí?

Essas dúvidas me atormentam, mas não me paralisam. Resolvo procurar o grande jornalista João Ribeiro Filho, que dirige o programa *Novos em*

foco, na TV Tupi. Ribeiro Filho é um homem de uma elegância, de uma qualidade como ser humano excepcional. *Novos em Foco* vai ao ar às segundas, quartas e sextas, às cinco da tarde e nele são apresentados esquetes criados por Ribeiro Filho a partir de notícias dos jornais, histórias contadas a ele, sempre com uma moral ao final. São esquetes de 20 minutos interpretados por atores amadores, com a intenção de revelar talentos que serão ou não aproveitados pela Tupi, que é dirigida pelo grande Cassiano Gabus Mendes. Pego dois ônibus, vou até a TV Tupi e me apresento. Ribeiro Filho pede uma autorização de minha mãe, porque sou menor, tenho só 14 anos. Insisto que ele me deixe fazer um teste, quando ele me explica que eles trabalham com atores amadores com mais de 18 anos. Consigo. Ele me dá um texto e manda que esteja na Tupi no dia 24 de junho de 1964 para estrear. Convenço minha mãe, minha avó me dá a maior força. Vamos até a loja A Exposição e minha avó me compra uma camisa nova, porque naquela época atores fazem programas com a própria roupa. Uma camisa listrada azul e branca ("tem que ir com uma roupa boa"), uma calça de tergal azul-marinho e um sapato Paso Doble, com sola de borracha. Assim vou para a TV Tupi no dia do programa. Decoramos, ensaiamos e às cinco horas entraremos no ar. Quando a hora começa

a se aproximar, tremo muito, todos os órgãos do meu corpo se mexem. Começa o programa: fala o primeiro, depois o outro e quando chega a minha vez eu falo MUITO ALTO para que todos me ouçam. Quando termina, Seu Ribeiro manda que volte no próximo dia. E volto por quatro meses. Um dia o Cassiano Gabus Mendes manda que eu procure o Geraldo Vietri: “ele está vendo os atores que farão a próxima novela, vai lá ler o personagem Vevé e, se ele gostar, você será o filho do Juca de Oliveira”. Leio o papel, Vietri me pergunta se tenho um nome artístico. “Antônio” – respondo. Ele manda que ache um, porque devo fazer a novela. Viro Tony. Ligo por duas semanas, louco pelo resultado, até saber que sou o escolhido. Cassiano manda que assine um contrato: 200 cruzeiros. E estréio em novelas em *A Outra*, de Walter George Durst, ao lado de Vida Alves, Walmor Chagas, Geórgia Gomide, Elias Gleiser, Débora Duarte, Guy Loup. E a partir daí não paro mais.

O mais difícil para mim é entender a modulação vocal. Eu berro, apesar do microfone, e todos me chamam a atenção por causa disso. Não precisa falar desse jeito, fale normalmente – me dizem. “Como interpreto?” – é a minha dúvida. “Interpreta mais baixo” – a resposta. Tenho a consciência que não devia ser eu mesmo em

cena, que existe um personagem. Não tenho o preparo técnico, a cultura, nem o hábito, mas me sobra intuição de ir pelo caminho de brincar com o personagem.

(Até hoje levo a sério a expressão inglesa to play para interpretar. Já vi atores ingleses ensaiando Shakespeare e eles param para tomar chá, as atrizes fazem tricô, os atores falam de futebol, todos conversam sobre todos os assuntos e em quatro semanas o espetáculo está pronto. "Let's play", vamos jogar – é o que eles fazem.)

Acho que demora um pouco para ter a certeza que vou me dedicar mesmo à profissão. Termino o meu curso secundário, entro em duas faculdades, de direito e de filosofia pura na PUC, mas acabo trancando as duas. Começo a fazer uns personagens interessantes, a criar tipos, a ser elogiado pelos colegas, que me incentivam dizendo que "vou longe". Todos me ajudam: Elias Gleiser, meu grande companheiro me diz como devo fazer, que devo seguir as marcações, me explica quando está bom. Olho para o lado e vejo Lima Duarte, Miriam Muniz, Laura Cardoso, Luiz Gustavo, Percy Ayres, Vida Alves, Cacilda Becker. Com essas pessoas, convivo. Sou uma criança, presto atenção, fico calado, ouço e vou me formando. E vou aprendendo, aprendendo. Se havia tido uma infância sentindo falta de algumas respos-

tas, encontro na boca daqueles veteranos de televisão, todas as respostas profissionais. Atores maravilhosos, que lutam, batalham, se viram em mil atividades. O clima é absolutamente generoso. Vejo neles uma preocupação em atender às minhas inquietações. Faço perguntas o tempo todo, quero saber tudo sobre o estúdio, as câmeras. Ainda se faz televisão ao vivo (quando o videoteipe se instalou no Brasil continuou sendo ao vivo, porque não existia emenda eletrônica e quando alguém parava, era necessário voltar do começo.) Os veteranos me incentivam e me ensinam o principal: invente, crie, pense.

48 Além das novelas, começo a ter uma presença mais contínua na televisão nos teleteatros, um



Com os padrinhos de casamento, Aracy Balabanian e Geraldo Vietri

TV de Comédia a cada quinze dias; um TV de Vanguarda a cada duas semanas. Recebo as primeiras críticas elogiosas. E aos poucos percebo que aquele é meu negócio mesmo, que é com aquilo que vou sustentar a minha família. Completamente intuitivo aprendo olhando os outros e lendo. Lendo muito. Claro que gostaria de fazer a Escola de Arte Dramática, como vários colegas, mas sou de uma família classe média, que não pode me oferecer as benesses de cursos e *workshops*. Não posso, também, interromper a seqüência de trabalho. Já estou casado com Lidiane, tirei-a da casa dela, somos jovens, imaturos e temos muitas apreensões, como sobreviver, como pagar o aluguel, não dá para parar tudo e somente estudar interpretação. Caso em 1969 e meu salário é 800 cruzeiros por mês – só de aluguel pago 350.

49

Além do trabalho na Tupi, dublo filmes, faço teatro, publicidade, me viro. Preciso ir à luta para sustentar a minha família. Um ano depois nasce o primeiro filho, o Rodrigo. Um ano após, nossa filha Andréa.

(Claro que sonhei por muito tempo em estudar de dia e trabalhar de noite. Mas isso não era possível. Eu e Lidiane éramos de família classe média, de trabalhadores. Nem minha sogra, nem minha mãe podiam nos ajudar, porque também tinham

as suas obrigações. Precisava trabalhar bastante. Não tínhamos dinheiro para babá e os sonhos da Lidiane em estudar mais, trabalhar, foram sendo adiados. Quis a vida que ela se tornasse mãe em tempo integral. É claro que as inquietações apareceram ao longo destes anos, mas ela, sábia como sempre foi, plena de insights maravilhosos, ao analisar a situação, sempre soube o quanto foi importante para a nossa família que ela cuidasse de nossos filhos. Ela sabe que valeu a pena, a ela, toda a minha admiração.)

50

Sempre encontro tempo para me enfiar na biblioteca pública Mário de Andrade, na Rua São Luís, centro de São Paulo. Sinto necessidade de muita informação. Quando os colegas falam de Shakespeare, anoto em um papelzinho, às vezes, no próprio *script* e fico duas horas lendo o livro citado. Volto no outro dia, e continuo. Na verdade, posso ficar somente estribado no conhecimentos dos diretores e o que eles me passam. E olha que trabalho com os melhores diretores: Antunes Filho (na TV Cultura), Geraldo Vietri, Walter Avancini, Cassiano Gabus Mendes e paro por aqui, porque a lista de pessoas maravilhosas com quem trabalho é interminável. Mas quero mais: a minha inquietação é enorme. Não me contento em ser mediano. E não digo isso para parecer CDF, bom rapaz, profissional

maravilhoso, não, nada disso. A inquietação me move. Nunca há um momento em que pense em fechar os livros, nunca mais ir à biblioteca. Sabe por quê? Porque não me iludo com a profissão. Lembro sempre das palavras de Ribeiro Filho que me diz que o estudo é que vai me conduzir. "O que vai fazer de você um profissional sendo convidado a trabalhar, com possibilidade de crescer na profissão, o que vai torná-lo perene no mercado é a sua inquietação, a sua leitura, a sua informação. Faça teatro, faça televisão, faça os dois ao mesmo tempo, leia. Tapinha nas costas, não acredite neles". Mal sabe ele que a minha mãe me diz a mesma coisa: "Tapinha nas costas não enche barriga de ninguém. Você só conseguirá aquilo que fizer por merecer".

51

(Eles tinham toda razão. O que te torna perene no mercado é a vocação, o dom, o estudo, a dedicação, a observação, o silêncio, o ócio. Não existe nada de complicado nisso. É bem simplista, assim como a vida. A vida é aritmética, matemática. Se andarmos no meio fio perto de uma poça d' água e um carro passar, seremos molhados. Se virmos um cão bravo e formos lá falar com ele, seremos mordidos. Se deixarmos a porta aberta, alguém entrará. Não posso dizer que a vida é uma ciência exata, porque existe o peso das emoções, mas as probabilidades matemáticas estão aí mesmo. Eu

adoro a matemática. Sou como sou, porque fui criado assim. Matemática.)

52 A TV Tupi é um império nesta época. Todo mundo está lá até o marco divisório, quando a Glória Menezes e o Tarcísio Meira vão para a Excelsior. O Edson Leite, um grande locutor esportivo, tem a idéia de fazer da Excelsior uma emissora altamente competitiva e leva para lá muita gente. Além da dupla, se mudam para a Excelsior o Boni, o Avancini, até o Cassiano. Começa na Excelsior a primeira novela diária e a Tupi sente a forte concorrência. E começa a decair, decair. Durante muito tempo, não me imagino fora da Tupi. Minha vida está resolvida, não acomodada – porque não me acomodo nunca! – mas estruturada em São Paulo. Nossa casa é agradável, a dois passos do Ibirapuera, as crianças estão na escola, nossa família mora perto. A Tupi ainda é uma empresa criativa, com grandes diretores, gosto de trabalhar nela, mas sofre problemas financeiros graves, atrasos absolutamente costumieiros de salário. Nós lutamos muito, não para manter os nossos empregos, mas para manter aquela bela casa de trabalho, às vezes ficando quatro meses sem receber. Eu, criando a minha família, com sete anos de casado e as crianças ainda pequenas, sinto a preocupação econômico-financeira e temo pela manutenção do meu

trabalho. Há ainda uma segunda motivação para sair da Tupi: a Globo já é grande nesse momento e vários companheiros estão lá. Aracy Balabanian, amiga querida, madrinha de casamento, Juca de Oliveira, Lima Duarte, Dennis Carvalho, com quem acabo de fazer *Ídolo de Pano*, Avancini, um grande companheiro. Em suma, há todo um naipe de companheiros que me dizem o tempo todo: “vem para cá, o trabalho é bom, a turma é legal, a empresa está a fim de investir cada vez mais no artista brasileiro”. Tudo isso começa a despertar em mim o questionamento: porque lutar, lutar, lutar?

Na verdade, sinto comichão de mudar. Tentar um novo vôo, o que é natural em um artista que não se acomoda. O Borjalo me liga, sente que estou temeroso e com aquele jeitão maravilhoso dele é definitivo: “vem para cá, a turma está te esperando, vai ser ótimo, você vai fazer grandes trabalhos”. E eu chego finalmente no início de 77. Deixo na Tupi todo o meu começo, a minha formação de profissional de televisão, certa tristeza porque muitos amigos ficam. Há um misto de emoção, choro, despedida dos cantos, dos lugares, do estúdio, da padaria, do salão de barbeiro que existe dentro da Tupi e nos reunimos sempre – eu, o Plínio Marcos, o Dennis, o Paulo Figueiredo – para imitar as pessoas ou até mesmo

a voz que ecoa no corredor chamando terceiros. Na hora da minha homologação de saída, passa um filme pela minha cabeça. Mas há também uma alegria imensa por mudar. Sou pragmático e sei que existe novo caminho pela frente e que tenho que ir à luta. Entrei feliz na Tupi e saio dela feliz também.

E nunca vou esquecer a grande escola que ela foi.

54

(Não posso dizer que tinha naquela época a consciência profissional que tenho hoje. Mas desde lá comecei a aprender tudo o que envolve, do ponto de vista filosófico, o ser ator. Minha profissão envolve a compreensão do ser humano, o ser libertário, o exercício da tolerância e muitas qualificações humanísticas. Um ator não pode deixar de lado a observação do cotidiano, o olhar sobre seus pares. Não pode deixar de ter os pés no chão. Não pode esquecer que é um cidadão e um representante do povo. Precisa ter um pensamento político, porque isso faz parte de um ator atento. E o pensamento libertário faz parte do comportamento de um ator atento. Essa consciência social da minha profissão começou lá na Tupi e por ela venho batalhando esses anos todos.)

Capítulo IV

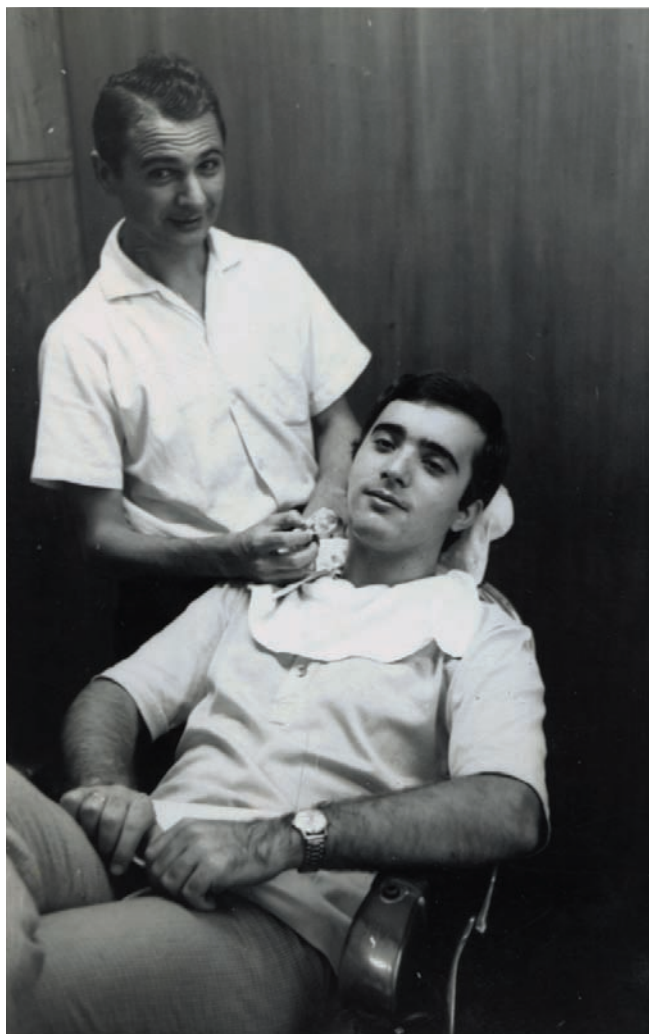
Os anos Globo

Assino um contrato de dois anos com a Globo. Venho para fazer a novela *Espelho Mágico*, dirigida pelo Daniel Filho e pelo Gonzaga Blota. Herval Rossano havia pensado em mim para *Dona Xepa*, e me conta isso algum tempo depois, mas a direção opta por me colocar na novela de Lauro César Muniz. Alugo um apartamento na Rua Corcovado, bem pertinho da emissora e vou conhecendo o Rio aos poucos. No estúdio reencontro amigos queridos: Juca de Oliveira, Lima Duarte, Tarcísio Meira, Glória Menezes, Mauro Mendonça, Carlos Eduardo Dolabella, Pepita Rodrigues. Quando a porta do estúdio se fecha, está lá toda a minha turma. E em uma empresa com uma estrutura profissional séria e onde quem manda é o artista brasileiro, não o “enlatado”.

55

(Aliás, isso permanece até hoje. O prestígio que a TV Globo dá ao artista brasileiro é enorme, visível. Não preciso ter delegação para defendê-la, porque posso sair de lá amanhã, como disse inúmeras vezes, mas a determinação de usar o artista brasileiro só pode ser louvada.)

A minha vida pessoal logo se estrutura. Venho de São Paulo com todo o mundo. Lidianne, com



Com Lau, barbeiro da Tupi

a sua força e tranquilidade habituais, em vez de ficar chorando pelos cantos, pega a sua caminha, pára na banca de jornal em frente à padaria Século XX, do lado da sala da Guta, na Rua Von Martius, compra um *Guia Rex*, abre em seu colo, desenha o trajeto e começa a vida na cidade. Esta força e vigor desta companheira são fundamentais para mim. Sei que ela está do meu lado para o que der e vier. Sei que ela “apanha” um pouco: o maço de brócolis é menor do que em São Paulo, por exemplo. E daí? Ela compra dois.

(Hoje nós somos pessoas que amamos São Paulo, temos por esta cidade absoluto carinho, porque é a nossa respiração de criança, conhecemos aquilo como a palma da mão, mas hoje parece que conhecemos o Rio do mesmo jeito. Aqui nossos filhos cresceram, se casaram, nasceram os nossos netos. Amanhã eu posso morar em Nova York, em Lisboa, ou mesmo retornar a São Paulo. O que me interessa mesmo, de verdade, é a minha casa e a porta que se fecha. Isto feito, não preciso de mar, de montanha, de nada. Eu só preciso das quatro paredes e da minha tribo. Claro que posso sentir falta, no início, de algumas pessoas. Mas se olho do lado e vejo a Lidiane ali sentada, a vida segue. Isso pode parecer aos olhos e aos ouvidos de muitos algo simplista, mas é como eu vejo a vida. Dou o peso exato às coisas quando têm

que ser pesadas; depois de pesadas, não repeso, embrulho para presente e sigo em frente.)

58

A minha passagem para a Globo é suave, encantadora. Começa como um namoro, vem o noivado, chaga a data do casamento e depois nascem os filhos. Estou há vinte e oito anos na empresa e os filhos são os trabalhos que deixo por lá: novelas, minisséries, especiais, programas musicais, trabalhos voluntários. Eu me dou bem com a casa, sei que ela não é perfeita – e nenhuma é – mas tenho pela Globo o mesmo respeito que pela Tupi. Acho que o trabalhador deve ter uma relação de afeto com a casa que ele trabalha, por mais que às vezes se sinta desprestigiado, ache que não está ganhando tanto quanto deveria. E uma relação de respeito. Olho nos olhos de qualquer um e afirmo: disso não abro mão. Afeto e respeito. Claro que todo mundo tem seu dia de angústia, de decepção, de preocupação com a competitividade inerente ao ambiente – e aí incluo todos neste barco, artistas, jornalistas, músicos, técnicos. O fundamental, porém, é manter a harmonia do ponto de vista ético e estético.

(Claro que é possível existir competitividade e harmonia. É dever que seja assim, senão fica burro, ignaro. É possível ser ético desde que a competitividade seja sadia e silenciosa. Como?

Quando você pára e avalia: eu preciso fazer tão bem o personagem, quanto aquele outro ator fez o dele, porque o sucesso depende do conjunto, se estiver bem, brilharemos todos. E quando te apontarem individualmente como um grande sucesso responda obrigado, mas saiba que depois do agradecimento vem o pensamento: "MENOS". Nunca ostente um sucesso individual. Isso é ser ético. E não guarde rancores. Mesmo que tenha sido agredido por terceiros, em silêncio responderá. Essa é a sua arma, aliás, a mais inteligente. O ser humano só cresce sendo ético. O resto é conversa de almanaque.)

Estou há vinte e oito anos na Globo e posso afirmar que nunca faço o que não gostaria de fazer. Desde o primeiro momento em que lá entrei. E sem impor ou brigar. Às vezes faço parte de novelas, minisséries ou outro programa qualquer que não caem no gosto do público ou da crítica. Isso tudo existe na minha caminhada, mas não aponto nomes. Sei as novelas que tiveram maior repercussão, que me deram espaço em mídia, e, junto ao público, fama. Mas tenho uma lealdade para as que também não deram certo. Jamais apontarei por uma questão de ética, lealdade e fidelidade ao meu trabalho, a quem escreveu, e a quem participou comigo. Como também não falo o que "mais" gostei, o "melhor" trabalho.

(Detesto isso, que é típico do Brasil: “o maior”, “o melhor”, “o dez”, “o demais”. Não me chamem de nada disso. Os prêmios todos que ganhei são ótimos para o currículo, e não sou hipócrita – de novo, digo isso – felizmente ganhei todos, em cinema, teatro e TV. É temerário quem diz que não está nem aí para prêmios. Pode estar de fato pouco se importando com o mundanismo que cerca as premiações, mas com certeza seu ego agradece. Eu não fujo à regra, embora o meu estoicismo seja de tal monta que jamais teria me embebedado se não tivesse ganhado algum. Mas ganhei e em nenhum momento isso me qualifica como o melhor, o maior, o demais. Só dizem que tenho uma experiência grande. E que, no caso da televisão, me atrevo a dizer que entendo bem do veículo. Não só como ator, mas sei o que é uma grade de programação, o que se passa no gosto mediano, leio pesquisas internacionais e fiz dezenas de workshops na Europa e Estados Unidos. Quando perguntam “onde está o Tony?”, pode ter certeza que estou em algum lugar estudando. E só. Nunca o melhor, o maior, o demais – repito. Até porque essas classificações são bem perigosas. Vejo grandes atores internacionais serem incensados em detrimento de outros que não são tão óbvios. Que não usam uma interpretação que vai ao encontro do que a imaginação média espera: o grande bandido age assim, a grande mocinha

é assado. Gosto de atores que subvertem esta ordem, que surpreendem pela humanidade que dão aos seus personagens. Atores que fazem com que o espectador sinta um certo estranhamento na nuca e coce a cabeça para entender quem é mesmo aquela pessoa.)

Minha profissão me faz trabalhar com os mais belos atores e atrizes deste país. E também entre eles, me recuso a discutir quem é o melhor. Têm o mesmo peso para mim o Lima Duarte e o Ary Fontoura; o Cláudio Corrêa e Castro e o Sebastião Vasconcellos; o Elias Gleiser e o Mauro Mendonça; o José Wilker, o José Mayer e o Antônio Fagundes; o Raul Cortez e o Luiz Gustavo; o Francisco Cuoco e o Tarcísio Meira; o Pedro Paulo Rangel, o Marco Nanini e o Ney Latorraca; o Wagner Moura e o Lázaro Ramos, que jovens maravilhosos! Juca de Oliveira e Fábio Assunção, de gerações diferentes, mas que trabalho maravilhoso em *Mad Maria*, por exemplo. São todos atores pelos quais tenho a maior admiração – e tantos outros, meu Deus! Tenho profundo respeito pela minha profissão e pelos meus companheiros. Do mais veterano ao mais juvenzinho. Tenho orgulho de estar ao lado de pessoas que respeitam, assim como eu, a profissão.

(Não sou burro e nem ingênuo – quantas vezes vou repetir isso? Claro que percebo que tem

gente que trata a profissão como um mero trampolim para fotos em eventos. Não conte comigo para apontá-los, porque não sou X-9. Além disso, o próprio mercado regula. Os que me perguntam alguma coisa, digo sempre: “cuidado, se quiser fazer parte deste clube, saiba que ele é muito seletivo, embora às vezes não pareça. E quem seleciona é o público e o tempo. Estude, dedique-se e saiba que a nossa profissão é feita de perseverança, observação e de profundidade. E, definitivamente, não é feita de capas de revista e nem de festinhas”. Muitos já me ouviram.)

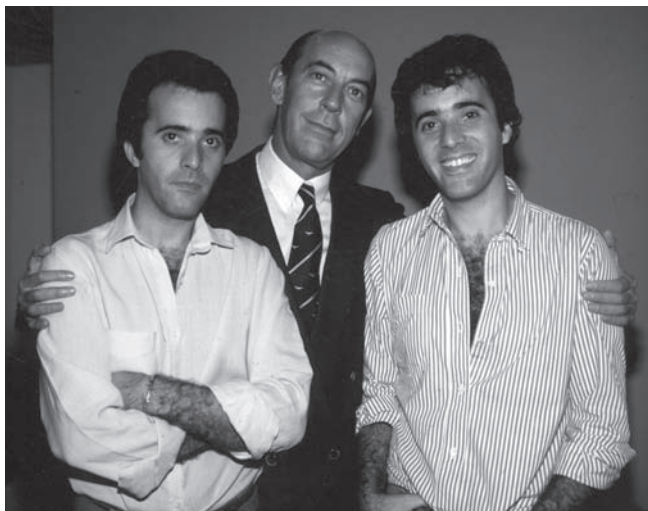
62

Sempre quis fazer comédia, mas me reservam os papéis de heróis românticos, o que me surpreende. Não sou um exemplo de beleza, um tipo apolíneo com 1.90m de altura, sarado, malhado. Sarado é quem está bem de saúde depois de uma doença. Malhado é quem usa camisa xadrez. Sempre me vejo mais como um Oscarito do que como um Clark Gable. Essas coisas não têm explicação, devem passar pelo carisma pessoal.

(Comigo sempre aconteceu um estranho fenômeno: a mistura do personagem com a persona Antônio, o Toninho ou Tony Ramos, como o público me conhece. Houve uma grande confusão entre os heróis românticos que interpretei, e que me deram muito sucesso, e a minha vida. A persona foi miscigenada e colocada no mesmo

caldeirão dos personagens. Muitas pessoas me paravam na rua para dizer que era bom que eu, que tinha uma vida resolvida, interpretasse determinado personagem. Nunca corrigi, porque sempre achei um desrespeito com quem fazia aquela observação.)

Mas, ao mesmo tempo que faço os heróis românticos, que o público gosta de me ver neles e que adoro fazer também – como o Márcio Hayalla de *O Astro*, o André Cajarana, de *Pai Herói*, os gêmeos João Vítor e Quinzinho, de *Baila Comigo* e tantos outros – acho que vou dando pistas, sinalizando o caminho que vou dar à minha carreira.



Baila Comigo, com Raul Cortez



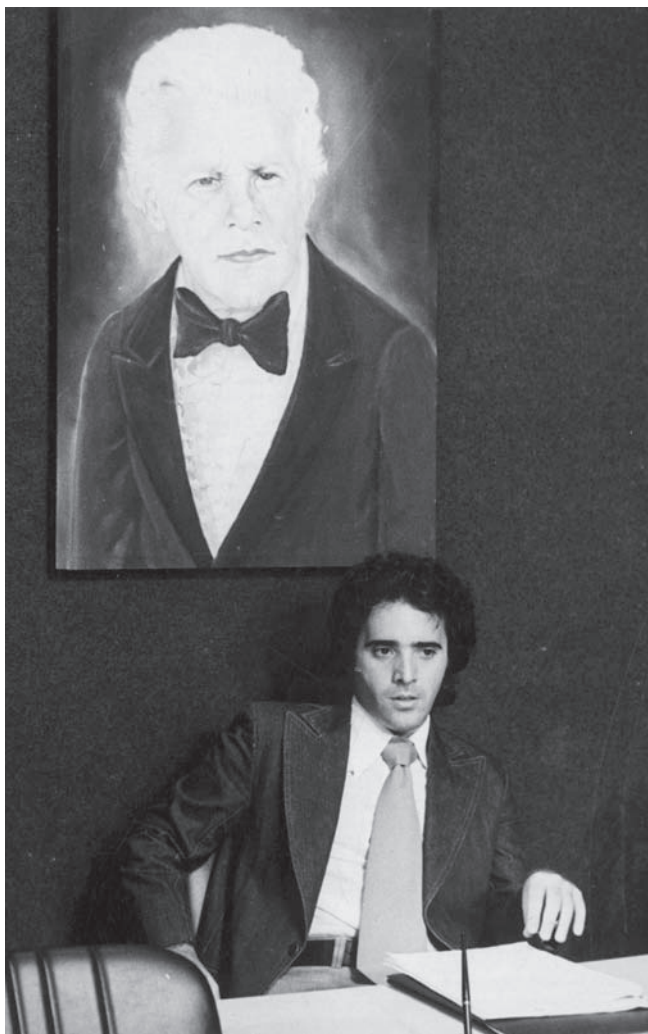
Pai Herói

Desde o começo, quando interpretei na Tupi um *serial killer*, que mata mulheres com a corda de seu violino. No teatro faço um homossexual em *Rapazes da Banda* e outro, que veste o *baby-doll pink* da irmã, em *Pequenos Assassinatos*.

(Vale dizer que o público adorava e me consagra no final com seu aplauso. Pode ser até que ele estranhasse no começo, porque não era o que esperava de um herói. Mas como o público não é otário, em poucos minutos entendia aquele personagem, que assumia a personalidade da irmã e, com todo aquele cabelo nas pernas, colocava um baby doll.)

Sei que no teatro, é mais fácil esta aceitação, mas insisto em dar pistas também na TV Globo, quando faço comédia em *Chega mais*, o Tonico de *Bebê a bordo*, um deficiente auditivo em *Sol de verão*, um biólogo alcoólatra, que abre uma peixaria em *O sorriso do lagarto*, o Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, Edgard, um chato de galocha no episódio piloto da *Comédia da vida privada*.

E tantos personagens em *A vida como ela é*, de Nelson Rodrigues, com direção de Daniel Filho. Assim escapo do rótulo. Mas é preciso saber conduzir essas mudanças – e o cinema norte-americano é mestre nisso – para não frustrar demais



O Astro

o público e não propor a ele antes da hora essas transformações. É preciso ir com calma, alertá-lo que não está contente só com a imagem que ele já tem arraigada, mas jamais o subestimando. Nunca obrigo, na marra, o público a aceitar alguma coisa que gostaria de fazer. Vou dizendo “veja se você gosta disso”. Depois de um herói romântico em *Anjo de mim*, o Juca de *A Próxima vítima*, um feirante de bermudas um tamanho maior, para que bunda sempre aparecesse um pouco, um tipo de uma identificação popular absoluta. Pois bem, o público mergulha junto comigo, chegam outras novelas, faço um sucesso polêmico, que me fez ganhar todos os prêmios, o Zé Clementino de *Torre de babel*, novela de Silvio de Abreu. O público se assusta um pouco, mas vai junto. Muita gente me diz que fica assustada, mas ninguém fala que vai deixar de ver a novela por causa disso.

67

Faço pais, tios e, em breve, avôs. Sem problema algum, sou totalmente resolvido com idade, corpo, engorda, emagrece, nariz adunco, não quero mudar nada. Faço o Téo, com sua personalidade dúbia e escorregadia, em *Mulheres apaixonadas*. E chego no Boanerges de *Cabocla*, um momento de consagração das pistas que dei para o público. Posso dizer, sem medo de errar, do alto dos meus quarenta e um anos de profissão, que hoje tenho



68



Sol de verão, com Gianfrancesco Guarnieri, Irene Ravache, Carla Camurati, Paulo Figueiredo, Mário Gomes, Yara Amaral e Miguel Falabella



O sorriso do lagarto, com Danton Jardim

69



Grande Sertão: Veredas

licença para fazer qualquer personagem. Não preciso mais dar pistas. Posso fazer tudo.



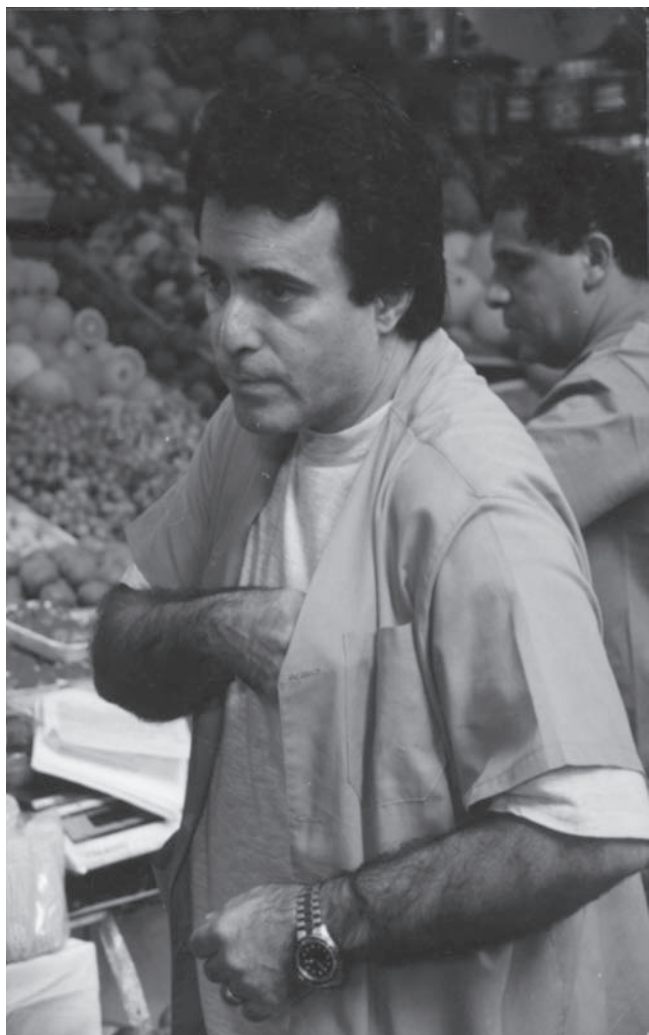
70

Mulheres Apaixonadas

É muito gratificante esta sensação de estar envelhecendo e se sentir livre para fazer qualquer coisa. Ver que o público amadurece junto contigo e te dá permissão e entende todas as nuances de sua carreira. Em *Mad Maria*, que acaba de ser exibida, faço um homem, na melhor das hipóteses, contraditório, que tem atitudes escusas em vários momentos para conseguir seus objetivos. É impressionante a repercussão desse trabalho.

Muita gente me pára na rua para dizer: “a gente sabe que você não é nada daquilo, mas que belo trabalho você fez!”. Nestes momentos, viro para Lidiane e digo: “missão cumprida”.

(Só posso ser grato a um ser maior, um terreno que invado pouco nas entrevistas. Sou religioso, sim. Leio pessoas brilhantes, grandes articulistas de quem sou fã que são agnósticos, ateus e tenho absoluto respeito por isso. Juro, jurando. Não sou um catequizador e acho que a manifestação de fé e religiosidade é totalmente de foro íntimo. Eu, porém, sempre agradeço a um ser maior, que acredito que existe. Agradeço a Ele por permitir que eu tenha saúde, trabalho e que continue tocando a minha vida com a idade que tenho. Agradeço a Ele, repito, e mais não falo, para não parecer catequese ou que fui tocado. Uma vez, duas moças estavam na porta da televisão distribuindo a Bíblia, certas que estavam num antro de pecado. Algumas pessoas aceitavam, outras desconversavam. Chegaram perto de mim e perguntaram: “Tony Ramos, você já encontrou Jesus?”. Respondi que sim e elas se surpreenderam muito e me perguntaram se eu tinha certeza. “Claro que tenho certeza”. Expliquei que era católico, que meu pensamento era ecumênico, que lia a Bíblia nas horas mais incertas. Fiz uma pequena dissertação



A próxima vítima

e as pessoas olhavam para mim como se fosse completamente maluco. E na maior educação, aconselhei-as: “quando alguém disser, sem ironia, que encontrou Jesus, não duvidem, e, por favor, não estiquem o assunto”).

Capítulo V

Caçador de almas

Detesto quando me perguntam se me sinto desafiado por um personagem. Não vou fazer parte do *Rally Paris-Dakar*, lutar boxe numa arena para 20 mil pessoas e nem participar de uma Olimpíada. Eu me sinto, sim estimulado

(As palavras têm que ser usadas da forma certa. Também nunca digo que tenho orgulho, mas, sim, que sinto felicidade.)

Tenho absoluta consciência também, mas tão absoluta que não abro mão dela, de que faço com prazer essa profissão, porque gosto de exercê-la. A minha preocupação é cortejar esse público, respirando por todos os poros o personagem, aquilo que chamo de encontrar a alma dessa figura. Quando entro na novela de alguém é para dizer a que vim. E para isso esgoto completamente o autor. Eu ligo, pergunto tudo o que o personagem irá fazer, suas motivações. Se o autor me diz que só vai contar lá adiante, insisto se é segredo, se posso saber, até ele me desvendar alguma coisa, que o personagem, por exemplo, toma determinadas posições influenciado por um acidente com o pai e que a mãe presenciou.

Pronto, começo a fazer uma historinha, em cima da sinopse e do que ele me contou. Dois dias depois pergunto se ele poderia ter um tique nervoso cada vez que ouvisse o som de uma buzina de automóvel. Ambulância, é melhor. Claro que este é um exemplo totalmente *gauche*, mas acho que dá para entender.

76

Quando os primeiros capítulos chegam, leio-os devida e atentamente, linha por linha de todos os personagens, as vírgulas, os pontos, a banda esquerda e a banda direita. Na banda direita estão os diálogos. Na banda esquerda, o autor sugere a música, descreve o ambiente, pede um determinado corte de câmera e as sensações do personagem. E esta me interessa às vezes muito mais do que o próprio diálogo.

Aí começo a ouvir música. Bach, Beethoven, Brahms, Gershwin, Cole Porter, Ernesto Nazaré, Rolando Boldrin – ouvi demais o Rolando quando estava me preparando para *Cabocla*. A música se transforma em personagem neutra, quase a narradora, que me conta a história. Muitos poderiam dizer, mas o que Bach tem a ver com o Percival Farquhar de *Mad Maria*? Para mim, tudo. A música permeia todos os meus caminhos. A Nona de Beethoven, em uma gravação do Karajan, está sempre no meu carro. Assim como o quarteto de Dave Brubeck, Nat King Cole e

seu trio, Elton John, Elis, Tom, Nana Caymmi, Gal, Bethânia. Fico até arrepiado ao falar nisso, porque é difícil explicar o que a música faz em mim, especialmente quando estou na busca do personagem. Às vezes grandes compassos, grandes movimentos de uma sinfonia me fazem ter o estalo. Noutras, o *Eu sei que vou te amar* de Tom e Vinícius me dá o clique fundamental.

(A primeira pessoa a ouvir as primeiras idéias sobre o personagem é a minha mulher. Mostro para ela as coisas lindas que estão escritas, digo o que estou pensando sobre o personagem, como pretendo fazê-lo. Ela me ouve, me aconselha, me agüenta com as minhas inquietações nas horas mais impróprias. Às vezes, ela quer ver TV, dormir e eu lá querendo mostrar os caminhos que pretendo seguir. Peço que ela tenha paciência, e ela sempre tem.)

77

Quando a obra não é original, mergulho no livro. Faço isso em *Cabocla*, por exemplo. Só não quis ver os VTs antigos da primeira versão, a clássica e soberba interpretação do Cláudio Corrêa e Castro, porque quero encontrar o meu Boanerges. Um dos momentos mais bonitos da minha vida é quando ele liga para me cumprimentar, uma generosidade da parte do Cláudio que me tocou demais. No Riobaldo de *Grande Sertão: Veredas*, a mesma coisa. Leio um estudo que o

Avancini me manda e releio o livro de Guimarães Rosa, marcando o texto, para comparar com a adaptação do meu querido Walter George Durst – que saudade, que grande autor. Levo o livro para as gravações e às vezes o Avancini pede para dizer algumas palavras que lá estão escritas. É um trabalho com a literatura presente o tempo todo. Nesta série preciso, também, praticar bastante, lidar com cavalos, largar as mãos dos arreios, controlar o bicho só com os pés e sair atirando. É preciso uma técnica, porque o cavalo se espanta com o barulho. Penso: ai, meu Deus, vou cair daqui, tenho filhos para criar. Mas isso me estimula. Assim como me estimula ter aulas de saxofone, gravar *jam-sessions*, saber que a melhor fábrica do instrumento fica na França, embora quem o tenha inventado seja um belga, tudo isso para viver o Téo, de *Mulheres apaixonadas*. Acompanho o dia-a-dia dos deficientes auditivos para ser o Abel de *Sol de verão*. Agora, laboratório, aquela coisa de mergulho, não faço nunca não. Quero saber tudo sobre ele, mas a alma sou em quem vai descobrir. Entender a alma do personagem é necessário até para dizer “bom-dia” em uma cena, porque nesse cumprimento sempre existirá a carga emocional, o histórico da pessoa. Aquele “*bom-dia*” veio de antes e irá para depois.



79



Sol de verão, com Irene Ravache e Gianfrancesco Guarnieri

Não me importo, também, a mínima com os aspectos físicos do personagem. Adoro quando acham que para o personagem é importante que ele seja mais pesadinho. Fico doido. Pareço criança ganhando trenzinho no Natal. Se precisa ser magro, *ok*, vou para um *spa* e emagreço quantos quilos precisar. Com relação a cabelo, roupas, há uma discussão conjunta que dou somente uns pitacos. Não tenho grandes vaidades, gosto de mim do jeitinho que sou, com nariz adunco e muito cabelo, que a Lidianne desbasta um pouco quando começa a invadir a camiseta.

80

(Adoro quando o pessoal do Casseta & Planeta faz gozações porque sou cabeludo. Já até falei para eles que adoraria fazer o programa. Sem dúvida um dos momentos mais hilariantes que assisti em minha vida foi o dia em que eles imitaram a minha cena de amor com a Vera Fischer em Laços de Família. O Hélio de la Peña varria o chão, enchia sacos enormes de lixo e reclamava com sotaque baiano: "falei para Dona Helena para não se encontrar com Miguel aqui para não ficarem estes pelos no chão". Gente, era maravilhoso! Um achado! Morri de rir. Quem acha que me levo a sério, está muito enganado. Faço tudo com muita seriedade no meu trabalho, isso é diferente.)

Para mim, o visual de um personagem não influencia a sua alma. É na fonte, no texto, que

vou beber em busca desse interior. É procurando no texto pequenas nuances. É entendendo bem as suas palavras. “Eu sou fruto do meio, mas não sou este homem violento que você pensa que sou”, por exemplo, citando o Zé Clementino da grande novela do Sílvio de Abreu, *Torre de babel*. Quando li na sinopse esta frase, pensei: taí a alma deste personagem. Em *Bufo*



Torre de babel

& *Spalanzani* fiz diversas leituras junto com o diretor Flávio Tambelinni. Um dia cheguei com o roteiro todo anotado e disse a ele que havia encontrado a alma do personagem em determinado momento. O inspetor Guedes passou a existir para mim, a partir do momento que ele chega na delegacia, com dois bolinhos que ele compra na vendedora ambulante, “pendura” em sua continha, e coloca-os em um envelope de papel pardo na gaveta, e não os come durante o dia. À noite, quando volta para seu conjugado em Copacabana, acende o abajur, lê o livro do escritor que está investigando e come os bolinhos, cuja gordura ficou impregnada no papel. Ali está a sua alma. O Flávio me agradeceu por ter entendido o personagem.

Por isso que digo sempre, em tom de brincadeira: “posso entrar nu, mas a alma está pronta”.

É claro que posso entender errado e que o diretor e o autor me corrijam. Às vezes posso propor algo que não tinham pensado e eles gostarem. Já aconteceu de eu não chegar lá? Seria pretensioso dizer que jamais aconteceu. Mas a verdade é que me empenho de tal forma que nunca me frustro. E meu entusiasmo jamais arrefece. Estarei buscando, sempre. Achei a alma, oba, quero é mais.

Personagem, porém, fica no estúdio, no set e no palco. Pendurado junto com a roupa no camarim. Não há a menor condição dele me acompanhar até em casa. Alguns colegas fazem isso, ficam elucubrando horas, dias e noites. Para mim, não serve. Não sofro com o personagem. Ai, que preguiça! Não gosto de deixar que vida vire de mentirinha. O faz-de-conta fica no estúdio, a vida é real e gosto de usufruí-la.

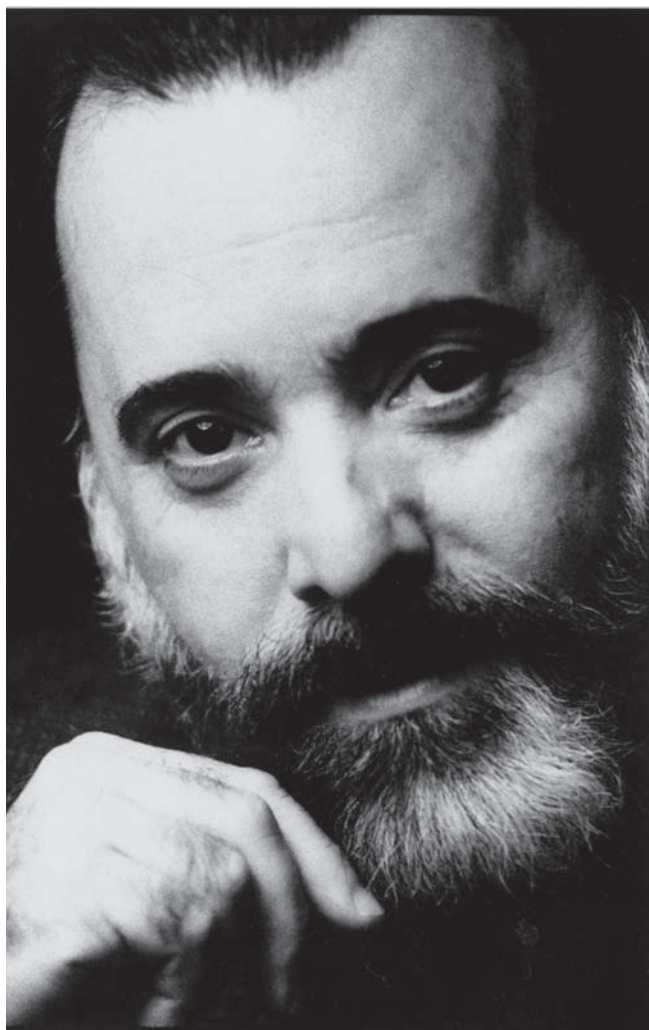


Estréia de *Bufo & Spalazani*, com Milton Gonçalves, Isabel Guerón, Maitê Proença e Gracindo Jr.



Painel fotográfico, presente de Lidiane





Na época de *Laços de família*

Capítulo VI

No palco

Muita gente me identifica com a televisão, o que é natural, normal e não me desonra. Tenho, porém, uma biografia teatral bonita e da qual tenho enorme alegria em falar. Com certeza, o teatro surge na minha vida desde o primeiro instante da vontade de ser ator. Desde pequeno, adoro queimar cortiça para fazer um bigode e imitar o Jânio Quadros. Com travesseiros, faço enchimentos e imito o Ademar de Barros. Imito Getúlio Vargas e seu mote “trabalhadores do Brasil”. Imito as imitações do Oscarito no cinema. Adoro imitar vozes. Se ouço uma voz diferente em uma padaria, na feira livre, no mercado, onde vou sempre com a minha mãe, minha avó, saio imitando o vendedor. Ninguém me pede para fazer aquilo. É o teatro que já existe dentro de mim.

87

A primeira peça que vejo em minha vida é encenada num cinema do interior de São Paulo. Estou com uns seis anos, mas me lembro vivamente. Era um espetáculo infantil da Virgínia Lane, uma grande vedete da época, vestida de coelhinha. Depois disso, o teatro continua na minha vida no colégio. O teatro amador existe amiúde. A cultura teatral é incentivada nos colégios. Teatro não é só lazer e entretenimento, mas uma forma de aprendizado, de educação, uma cultura indicada pelos mestres.

O professor de português estimula os alunos por meio do romanceiro popular brasileiro, de José de Alencar a Martins Pena. Às vezes faz parte do trabalho escolar adaptar um conto de Machado de Assis em forma dramatúrgica e levar para o palco. Existem competições, olimpíadas culturais, tanto nos colégios públicos, como nos particulares. Eu participo de tudo. Quando vou estudar inglês na União Cultural Brasil-Estados Unidos, vejo que vai haver a montagem de *O Telescópio*, de Jorge de Andrade e me candidato ao personagem do filho caçula. Sou aprovado, mas acontece na minha vida o *Novos em foco* e sou obrigado a optar pela televisão. A televisão me leva de roldão.

88

Continuo amante do teatro: Cacilda Becker, Sérgio Cardoso, Paulo Autran, Fernanda Montenegro, Juca de Oliveira, Raul Cortez são grandes ídolos para mim. O Teatro de Arena e o Teatro Oficina me ensinam a responsabilidade social do teatro. A primeira oportunidade de pisar em um palco é no espetáculo *Quadros da vida*, dirigido pelo Geraldo Vietri, uma compilação de vários textos sobre a Segunda Guerra Mundial, sobre a Resistência Francesa, contra o nazismo. A peça é interessantíssima, em plena época de controle de conteúdo, de censura da ditadura militar. Durante um ano viajamos pelo interior paulista e começo realmente a participar mais do teatro. Aí surge Plínio Marcos em minha vida. No início da década de 70 estréio

Quando as máquinas param, com Walderez de Barros e direção de Jonas Bloch. Neste momento, digo: esta é a minha função no teatro. O Plínio é um autor maravilhoso, que fala do submundo, das ansiedades e feridas do brasileiro. Sua linguagem é corrosiva, direta, trágica e provoca impacto. Com essa peça do Plínio, vivo emoções fortes, que me arrepiam até hoje, porque se tornavam inesquecíveis. Percorro vários caminhos, mostro a peça para o trabalhador braçal e para a elite, no Teatro Popular do Sesi, no palco do Sindicato dos Tecelões, nos teatros mais requintados com *foyer*. E aí, realmente, deslancha a minha carreira no palco, da qual já disse, muito me orgulho. Faço de tudo, em todos os lugares, para todos os públicos. Sei o que sou no palco, assim como na vida.

89



Quando as Máquinas Param, com Walderez de Barros

(Quando ouço historinhas, que insistem em recontar, que sou um ator só de televisão, deixo que elas passem, porque sei da minha trajetória. E não preciso propagá-la. Não preciso ficar a toda hora vomitando a minha história. Vamos embora, vamos para a frente.)

Nunca me coloco na turma que acha que televisão é menor do que o teatro. Certo que o teatro é o berço do ator, porque nele é que se experimentam alternativas para o corpo, para a voz, enfim, para a representação. E novas temáticas, não delimitadas pelos próprios horários da TV e seu alcance.

- 90 O teatro é a casa do ator, sim, mas isso não é de-sonra para a televisão. Não há argumento que me convença que o teatro é mais nobre e soberano. (Adoro conversar com ator inglês, que se espanta com esta discussão sobre TV e teatro. *"What are you talking about? It is our work"*. Simples: "O que é que você está falando? É nosso trabalho". Assim eles se apresentam com a mesma categoria no *Old Vic* ou na BBC. Só os *blasés* preferem ainda dizer que "TV... ah... incomoda". Eu, como não o sou, quando vejo elogios a certos solos na televisão, acompanhado da frase "parece teatro" faço questão de deixar clara a minha posição: "parece teatro, não, é TV de boa qualidade. Cada um tem seu espaço, cada um permite que o ator exercite o mais importante: a emoção".)



Quando as máquinas param, com Walderez de Barros

Depois de *Quando as máquinas param*, faço duas peças com produção de John Herbert, que banca tudo sozinho, sem patrocínio: *Rapazes da banda*, com queridos companheiros como Raul Cortez, Lima Duarte, Benedito Corsi, Dennis Carvalho, Paulo César Peréio, e *Pequenos assassinatos*, ao lado de Cláudio Corrêa e Castro, Antônio Fagundes, Elias Gleiser, Yolanda Cardoso, Eva Wilma, Othon Bastos, Rogério Márcico. E sigo com *Um grito de liberdade*, do Sérgio Viotti, *Caiu o Ministério* de França Jr, *Absurda Pessoa do Singular*, do inglês Alan Ackburn e *Leito Nupcial*, de Jan Hartog, junto com a Miriam Mehler.

Com a mudança para o Rio de Janeiro fico com um certo medo que a minha carreira no teatro seja interrompida. Há um certo hiato, porque emendo duas novelas: *Espelho mágico* e *O Astro*, mas o Flávio Rangel me convida para fazer *O Pagador de promessas*, que quase um ano em cartaz no Teatro Adolfo Bloch. Aliás, está é uma constante em minha carreira. Quando falam que faço pouco teatro, sempre preciso lembrar que todas as peças que fiz tiveram carreira duradouras, mais de dois anos em cartaz.

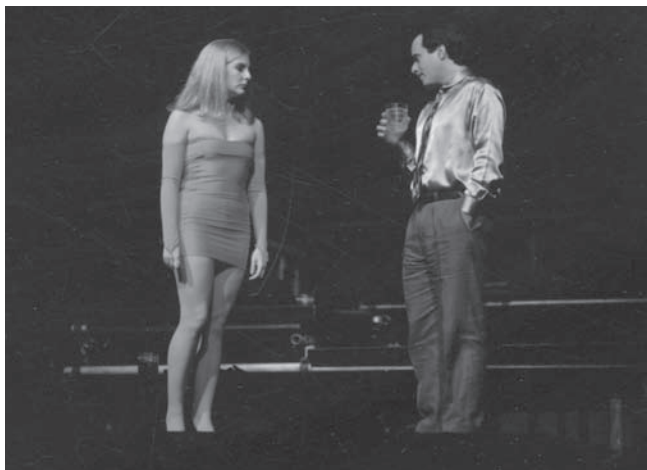


O Pagador de Promessas, com Fátima Freire, 1979

No início dos anos 80, depois de atravessar catorze anos de televisão e teatro, resolvo dar um tempo. Converso com a Lidianne e decido que vou fazer cinema e teatro mais espaçadamente, somente aquilo que desejar muito. E cumpro por bastante

tempo essa proposta. Em 1984, faço apresentações com um grupo português, nos Açores – bem antes da febre de atores brasileiros em Portugal. Depois disso, emendo novelas com especiais: *Grande Sertão Veredas*, *O Sorriso do lagarto*, *Selva de pedra*. Não tenho como fazer teatro. E naquele momento quero mesmo estar dedicado somente à TV. São projetos que me interessam e que poderiam ser no teatro e no cinema, mas são na televisão. Uma idéia, porém, me mobiliza: levar para o palco o romance *Lúcia McCartney*, de Rubem Fonseca. Esta é a minha segunda produção em teatro – a primeira foi *Leito Nupcial* – junto com Miguel Falabella e Maria Padilha. Um espetáculo lindo! Um tributo ao teatro.

93



Lucia McCartney, com Maria Padilha

No início de 1989, logo depois do *Tonico de Bebê a bordo*, recebo um convite do Abelardo Figueiredo. "Você quer fazer a Geni da Ópera do Malandro?" Não entendo o que ele está perguntando e ele explica que dirige uma grande casa de *shows*, o Palladium de São Paulo, e que está com um roteiro do Flávio de Souza, que conta a história da música popular brasileira por meio da música de Chico Buarque de Hollanda. E me convida para ser o âncora, o apresentador, o mestre de cerimônia que se torna um mestre sala ao final. E conta com tal entusiasmo o que pretende fazer, que me encanto.

94



Olé, Olá, Meu Refrão



Como Geni em *Olé, Olá, Meu Refrão*

Olé, Olá, Meu Refrão fica um ano em cartaz, de terça a domingo, no Palladium, que tem mil lugares. E posso dizer, sem susto, que é uma das experiências mais fascinantes de toda a minha carreira, em todos os meios de comunicação, teatro, cinema e televisão. Eu canto, danço, uso salto 15. Os cenários são de Elifas Andreatto, a coreografia de Ciro Barcelos, e o Maestro Briamonte rege a orquestra. O espetáculo é tão bom, que a festa do Prêmio Mambembe, de 1989, é feita no Palladium. Fazemos o *show* para os nossos pares.

96

Depois de *A Rainha da sucata*, Xuxa Lopes me convida para a sua produção, junto com Hector Babenco, de *A morte e a donzela*, do Ariel Dorfman.



A morte e a donzela, com Xuxa Lopes e Otávio Augusto

Outro encantamento para mim! Depois de *A próxima vítima*, começo os ensaios com a Regina Braga, com direção de Vivian Buckup, de *Cenas de um casamento*, de Ingmar Bergman. Ficamos três anos em cartaz. Depois dessa, uma experiência tão boa, fiquei um tempo sem encontrar algo que me motivasse. Este é um perigo para o ator, se envolver tanto em um projeto, que fica com um grau de exigência tamanho que demora a encontrar algo estimulante. Acontece comigo. Só retomo essa vontade com *Novas diretrizes em tempo de paz*, de Bosco Brasil

97

(Sempre fiz aquilo que realmente quis em teatro. Isso é uma benção, uma permissão de Deus, porque muitas vezes um ator é obrigado a fazer espetáculos que realmente não tem vontade, que não gosta, que não faz parte de sua viagem pessoal. E ninguém pode criticá-lo por isso. Está todo mundo sobrevivendo e se defendendo. E daí, que é um espetáculo mais popularesco? Quem disse que só as peças difíceis são boas? Mas essa é uma discussão longa. Para mim, tudo é teatro. Reconheço, porém, que tive a sorte de poder fazer exatamente o que queria e só posso me considerar feliz por isso.)



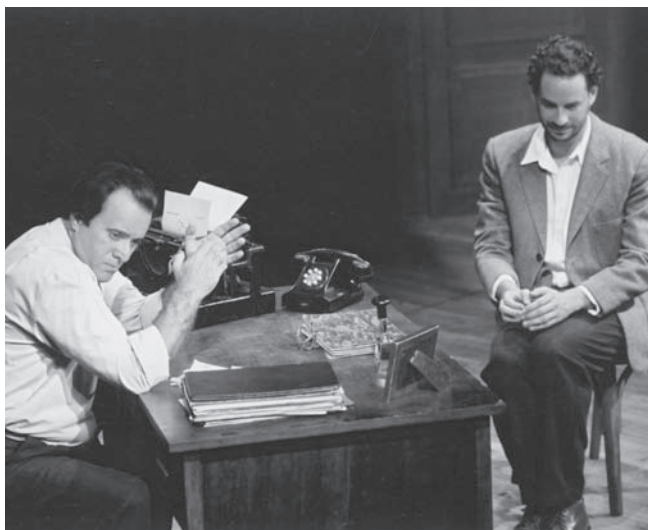
Cenas de um casamento, com Regina Braga

Teatro é imorredouro. Pode ser feito com uma mesa, duas cadeiras e emoção. Isso acontece em *Novas diretrizes em tempos de paz*, na qual divido o palco com Dan Stulbach. Desde o primeiro momento me encanto com a peça. Fico tão tocado e emocionado que peço para Lidiiane, num sábado, que a leia. Lidiiane não é uma pessoa *blasé*, lê de enfiada. Ela vai para a varanda e vejo que limpa lágrimas. Penso: não estou errado na minha emoção. E é esta emoção que as pessoas sentem ao longo dos meses. O que reafirma a minha idéia de que teatro dispensa parafernália. O palco pode ser nu, mas não pode faltar a emoção.

99



Novas diretrizes em tempos de paz, com Dan Stulbach



Novas diretrizes em tempos de paz, com Dan Stulbach

(Tem gente que acha que é preciso cascata no palco, cavalos relinchando, trem invadindo a boca de cena, dez cachorros latindo para se fazer um bom espetáculo. Existe lugar, sim, para uma grande encenação. Mas sempre haverá também para duas pessoas, uma olhando no olho da outra, jogando com a palavra, com a luz, com a música certa e jamais subestimando o espectador. Teatro é feito com bom texto, uma montagem adequada, atores afinados e uma direção segura, mas não interveniente. Ela não precisa aparecer mais, ser mais importante do que o texto.)

O que mais busco no teatro é a palavra, o seu poder. Adoro as palavras. Cada vez nos distanciamos mais delas, por causa da convergência das mídias. Bom é ficar jogando no celular. Legal é navegar na Internet para nada, para ler fofocas. Quanto mais longe ficamos das palavras, mais nos expressamos com quase mugidos: ô, hum, é, ta, ê. Que se resgate o encantamento das palavras – e como o teatro proporciona isso! Até mesmo a gíria incorporada ao vernáculo, o palavrão bem usado, a palavra erotizada para descrever uma promiscuidade. A melhor arma contra a violência é a palavra. A melhor arma contra a ignorância é a palavra. A melhor arma contra a indigência criativa ainda é a palavra. Procure a palavra que te instigue a imaginação e o lúdico. Procure o teatro. Assim como o procuro por toda a minha vida.

Capítulo VII

Na tela

O cinema forja o meu imaginário desde criança. Meu maior prazer é ir ao cinema levando um sanduíche de carne assada com ervilhas, feito no fião, aquele pão sovado em gomos. Chegando no cinema compro, com o dinheiro que a minha avó me dá, um guaraná caçula e um dadinho – um chocolate pequeno. E ali fico vendo o telejornal, dois seriados, o filme chamado classe B e o filme principal. Matinê de domingo é um esplendor! Volto para a casa a pé, uns quatro quarteirões em Vila Maria, e narro tudo para a minha mãe e a minha avó. Na quinta-feira, repete a sessão e lá vou eu ver tudo de novo.

103

Além de ir ao cinema, leio a revista *Cinelândia*. Um dia meu tio Clóvis me dá a *Enciclopédia Del Cine*, em espanhol. Não entendo direito, mas se torna fundamental para a minha vida. Oscarito, Fernandel, Jerry Lewis, Totó – já falei sobre eles e repetirei sempre. Os atores ingleses: Dirk Bogarde, Paul Scofield, Alec Guinness, Laurence Olivier. Sandra Dee – aos quatorze anos sonho com ela, como minha namorada. Cláudia Cardinale, que mulherão! A partir da década de 60, começo a descobrir novos formatos, novos diretores e me interessar pelo cinema americano. Até então,

gosto do cinema europeu. Já profissional, muito jovem, o cinema faz parte do meu sangue.

O cinema nacional começa para mim numa produção do Geraldo Vietri – um batalhador, um sonhador, que faz um filme com o próprio dinheiro, uma produção em preto e branco: *O pequeno mundo de Marcos*, totalmente inspirado no neo-realismo italiano.

(Foi exatamente como esperava. Não se ganhava um tostão. Era preciso abnegação para entender como funcionava o cinema. Hoje não se ganha o que se gostaria em cinema, mas é uma relação mais adulta. Queria muito que esta manifestação de entretenimento virasse uma indústria no Brasil, mas isso ainda não aconteceu. Para se ter indústria como a espanhola, mexicana é necessário uma constância de produção e público. Mais de dez filmes precisam alcançar a marca de mais de 2 milhões de espectadores. Melhoramos sensivelmente nos últimos cinco anos, mas precisamos caminhar mais. Eu torço por isso.)

Cinema é artesanato e isso me interessa demais. Sou um ator e faço um personagem, como no teatro e na televisão. O que me estimula é uma boa história, atores dizendo aquela história, a palavra, uma câmera ágil, nervosa quando tem que ser, contemplativa quando necessário e perso-

nagens falando da emoção de suas vidas. Isso vai para tela grande e para tela pequena e para o palco do teatro, ponto.

(O que me interessa mesmo é o personagem. Esqueço a câmera tanto no cinema, quanto na televisão. O que me importa é quem está atrás da câmera, a platéia. Então, tudo é teatro.)

Não me decepçiono com o cinema. Apenas acho que, por vezes, o processo é lento.

As dificuldades são muitas. De vez em quando o diretor não sabe o que quer. Acho que o diretor, mesmo que esteja fazendo cinema experimental, não pode esgarçar a relação com o ator. Se não, o ator apodrece frente à câmera. Adoro trabalhar com o Daniel Filho, que ensaia tudo e entra no set e sabe exatamente o que quer. Com o Flávio Tambellini é uma ótima experiência, ele também sabe exatamente o que deseja. Falamos e discutimos tudo antes do primeiro fotograma. E tem que ser assim. O Clint Eastwood filmou *Menina de ouro*, que ganhou o Oscar em 2005, em 45 dias, entregando-o duas semanas antes. Que maravilha! Acho que é assim que tem que ser. A única coisa razoável e plausível, até para economizar negativo, é ser objetivo. Sem maiores elucubrações. Às vezes, a primeira tomada é a que vale mesmo.

Há quem diga que se faz TV melhor do que cinema no Brasil. Discordo. Muita gente sabe fazer bem cinema. O que acontece é que a televisão é uma indústria constituída de fato. Tem dinheiro, equipamento e equipe.

No cinema, muitas vezes a equipe não é tão grande como deveria ser, o equipamento não é exatamente o que o diretor almejava e o dinheiro está sempre acabando. Tudo isso torna o processo mais lento. Por isso mesmo não faço televisão e cinema ao mesmo tempo por nada. Quando faço um filme, me dedico a ele, sabendo que é daquele jeito, que é preciso mudar a luz, que precisa caprichar no áudio e tudo demanda tempo, o que deixa o processo bem lento. Eu subtraio isto e entro em outra viagem. Levo palavras cruzadas para o set. Adormeço, às vezes, sentado no ponto exato, enquanto a luz é afinada. Meu poder de concentração nesse sentido é imenso. Cochilo até ouvir as palavras mágicas: “vamos ensaiar com as câmeras. Está tudo pronto”. Respiro fundo e vou em frente.

(Quando chega “aquela” hora, em que todos estão exaustos, sou o primeiro a assumir a brincadeira. “Vamos embora gente, deixa para amanhã, quem gosta de ficar no trabalho é marido de mulher feia. A minha é bonita, quero ir para casa”. Este tipo de piada faço também na televi-

são e todos conhecem bem. Porque, de verdade, não acho poético esperar tanto. Eu acho um pé no saco. Quero ir embora, tomar vinho, conversar com a Lidiane, ver televisão. Até porque tudo isso vai ajudar no meu trabalho. Quando fica muito chato, o personagem começa a apodrecer, a se esgarçar, e me sinto tomado por uma irritação e uma impaciência de ir embora. Sem jamais perder o humor, porque não suporto gente mal humorada. É melhor acabar e recomeçar no outro dia, com o personagem por inteiro, tenho certeza. É simples.)

Capítulo VIII

O preço do sucesso e da felicidade

Sucesso e felicidade decididamente incomodam. Engraçado é que não sinto rancores quando essas reações se dirigem a mim. Acredite se quiser! Sou consciente, porém, que muita gente não perdoa o fato de ser um homem casado, feliz, não disponível e que não tem vergonha alguma em dizer que jamais prevariquei. Sou chamado, por vezes, de careta, de bobinho, de hipócrita – coisas que definitivamente não sou. De fato tenho uma relação inteligente, saborosa e bem humorada com a Lidiane. O humor, com certeza, permeia nosso casamento.

109

Claro que tem gente que não gosta do meu modo de ser. Críticos apressados podem me achar um cara pouco polêmico, embora saiba que minhas atitudes são muito mais políticas do que a de muitas pessoas que adoram polemizar. Há quem se incomode por eu não ser o cara que diz todos os palavrões na televisão. Conheço-os todos, da grande expressão vulgar ao palavrão mais chulo, falo todos, mas não para um público heterogêneo como o da televisão. Meus personagens podem até dizer, mas o Tony nunca. Isso para mim se chama ética comportamental. É mais simples do que andar para a frente; é mais simples do que

2+2=4. Olha a matemática de novo! Para essas pessoas não posso dar respostas. Paciência!

Detesto espiar a vida alheia – detesto mesmo. O corporativismo da fofoca se defende dizendo que “brasileiro adora fofoca”. Péra lá, cara pálida!!!! Eu não suporto. Não encontro alegria e nem satisfação pessoal em saber das alegrias e desgraças dos outros. Meus colegas já sabem, quando a conversa gira em torno da vida dos outros sempre tem um para lembrar. “Vamos parar com este assunto porque o Tony vai mandar à merda”. E mando mesmo. Sou famoso por isso e todos morrem de rir. Sou um opositor da fofoca, que está entre as cinco coisas que mais detesto ao lado da soberba, da deslealdade, da ostentação e da falta de ética.

110

E quando a fofoca ganha dimensão pública me enlouquece mais ainda. Não suporto a idéia de que artista é pernicioso, promíscuo e fico desesperado quando leio pessoas falando aleatoriamente da minha profissão. Já fui alvo de uma grande boataria, quando começaram a dizer que a Lidiane havia sido contaminada com o vírus da AIDS e havia transmitido para mim. Num primeiro momento, me assustei muito com a loucura, agressividade, maledicência da história. Pensei em fazer uma carta aberta, mas fui dissuadido pelos meus filhos, que eram ainda

adolescentes. E ficamos quietos. Para combater a maledicência, somente um Pai-Nosso resolve. E a vida segue. De certa forma, claro, é o preço do sucesso. Muita gente não gosta de ver o sucesso do outro. O próprio grande e saudoso Tom Jobim me disse claramente uma vez quando encontrei com ele na Churrascaria Plataforma, no Rio de Janeiro: “Shhhhhhh, não fala em sucesso, que é pecaminoso, incomoda”. O que me norteia na vida é o respeito ao próximo. A velha frase “ame a teu próximo como a ti mesmo” sempre ecoa dentro de mim.

Quando ouço alguém dizer ou escrever que a TV, por exemplo, é o antro do pecado e da promiscuidade fico hirto. Com H maiúsculo. Os anônimos de outras profissões muitas vezes têm comportamentos mais erráticos do que nós, os artistas. Mas somos expostos à curiosidade pública. No ano passado foram vendidos 140 milhões de exemplares de revistas relacionadas com artistas. Isso é enlouquecedor. Um pum de artista vira notícia. “Tony Ramos deu um pum no elevador” – pode estar numa capa de revista. Oh! E os 800 advogados, 600 médicos, 750 professores que fizeram o mesmo?

111

Não nego, porém, que existe uma turma desesperada para aparecer, louca para criar um ruído novo – mesmo que seja só um pum. É uma pato-

logia nova, que chamo de “convergente midial”, que faz com que as pessoas fiquem fascinadas pela possibilidade rápida, de qualquer forma a qualquer preço, de aparecer. Isso é efêmero. Literalmente farofa ao vento. Eu e vários colegas buscamos uma convivência com este mundo novo, de convergência das mídias – TV no celular, celular com *browser*, Internet com notícias em tempo real, foto pelo telefone. Estabelecemos cercas da nossa privacidade. E disso não abro mão.

112

Se começo a fornecer elementos para a invasão, estou sendo conivente e não posso reclamar depois. Quando fiz *Bodas de Prata* – e já se vão doze anos – uma mocinha de uma revista famosa me ligou dizendo que eles estavam interessados em promover a minha festa. Agradei com sinceridade e expliquei que já havia acontecido a festa. “Mas, como, ninguém soube, não apareceu em lugar algum”. Isso causou um ruído. O diretor da revista me ligou para pedir as fotos, o que neguei também. Minha privacidade, definitivamente, não está aberta. E esta relação está estabelecida com a imprensa: não tenho assessores, atendo a todas as ligações e simplesmente digo não para aquelas propostas que não me interessam. Não fotografo na minha casa, mas se dou uma entrevista vou com o fotógrafo ao Museu Nacional de Belas Artes, por exemplo, que tanto admiro.

No casamento da Andréa, minha filha, havia vários fotografos na porta (a notícia vazou não sei por onde, mas isso acontece): não me opus em fotografar na porta junto com ela, mas pedi gentilmente que dentro da igreja eles não entrassem. E assim foi feito. Se estou na rua, tomando um sorvete com a minha mulher, e fazem uma foto minha com a cara lambuzada, tudo bem. Pode não ser muito estético, mas não vou jogar um sanduíche na cara do fotógrafo, nem deixar de dormir por causa disso. Aliás, a Lidianne sabe lidar com o maior *savoir-faire* com essas situações, mais do que eu, calejado que sou. Entrar na minha casa, fazer fotos comigo sentado na minha *bergère*, de short e camisa, não há a menor condição. E este menor tem 8 os e 18 erres. Não sou diferente de ninguém, digo, repito e dou tréplica. Não planto bananeiras todos os dias quando acordo, não saio nu na rua. Na verdade, as pessoas podem espiar a minha vida naquilo que pode ser visto. O resto não está aberto à visitação pública.

113

Não me indisponho. E, principalmente, não critico quem faz. Há gente com esta predisposição de aparecer. Não é a minha, com certeza. Entendo quem faz, aplaudo, mas peço que entendam como procedo. E nem precisa me aplaudir. Mas também não vale vaiar!

Capítulo IX

Como será o amanhã?

Tenho várias fantasias para o futuro e escrever roteiros para cinema é uma delas. Com muita coragem e uma certa petulância vou me atrever a fazer roteiros para curtas-metragens, para começar.

Antes disso, porém, pretendo, gostaria, pelo menos, de fazer mais um curso de, pelo menos, seis meses, na Universidade de San Diego ou na UCLA, na Califórnia. Já fiz um *workshop* de cinco meses nos EUA, logo após a novela *Baila Comigo*. Estive em todos os grandes estúdios e aprendi demais. Mas gostaria de fazer de novo, não para aprender mais coisas tecnicamente, o que já sei muito, mas como uma realimentação intelectual antes de assumir a empreitada. Olhar bem, em silêncio, faz bem.

115

Às vezes me pergunto se tenho mesmo vocação para escrever. Sei que tenho algum dom, porém não corro atrás disso, acho que terá que acontecer naturalmente. A Lidiiane me entusiasma, insiste que coloque todas as idéias que tenho no papel, me incentiva, mas ainda sou muito retraído em mostrar aquilo que penso. Outro dia remexendo nos meus guardados encontrei idéias esparsas,

escritas em capítulos de novelas, sugestão de histórias, notas para mim mesmo me lembrando que devia mostrar para algum diretor. Nunca fiz nada disso. Talvez chegue um momento em que tenha coragem – e tempo, para desenvolver esse lado. Quem sabe até escrevo uma novela? Não se surpreenda se isso acontecer um dia.

Sou um homem que me permito dizer que entendo muito de televisão, em todos os aspectos. Sei entender tão bem uma novela, quanto pesquisas de audiência. De certa forma, me sinto preparado para assumir a direção de uma produção, de colocar o *Boeing* no ar. Deste desafio não tenho medo. Talvez não queira ficar na frente das câmeras depois de uma certa idade. Quem sabe surpreendo a todos me tornando um executivo do entretenimento?

Isso tudo são conjecturas, desejos, fantasias, que talvez um dia se tornem realidade. Certo mesmo é que a minha vida familiar estará sempre à frente do trabalho. Olha de novo os dois trens que jamais se cruzam! Eu estou à frente do meu trabalho, que é meio de sobreviver e de prazer. Um meio de vida, não a própria vida. Acredito que a tal felicidade não se compra; não se acha escondida. Ela está dentro de cada um de nós, cumpre-se encontrá-la. Mas, sem dúvida, ela só aparece quando se está em paz com a gente

mesmo e não espiando, desejando, a felicidade alheia. Vida é trabalho e bom-senso.

Quero estar em casa com a Lidiane, com meus filhos, netos, amigos, os netos desses amigos, uma mesa farta de boa comida e com boas rodadas de vinho. Para mim, isso é felicidade.



Grande Sertão: Veredas, com Bruna Lombardi

Cronologia

Televisão

TV Tupi

1965

- *A Outra* (Vevé)

De: Walter George Durst - Direção: Geraldo Vietri
- Elenco: Geórgia Gomide, Walmor Chagas, Guy Loup, Vida Alves, Juca de Oliveira, Norah Fontes, Débora Duarte

Sinopse: O casamento de Lúcia e Gustavo é ameaçado por Cibeles. Vevé é um dos jovens da trama, sobrinho de Gustavo.

119

1966

- *Os Irmãos Corsos* (alfaiate corcunda)

De: Daniel Gonzalez - Direção: Hélio Souto - Elenco: Hélio Souto, Juca de Oliveira, Norma Blum,
Sinopse: Baseada em livro de Alexandre Dumas, conta história de irmãos xifópagos, seprados no nascimento.

- *O Amor tem Cara de Mulher* (participação especial)

De: Cassiano Gabus Mendes - Direção: Cassiano Gabus Mendes - Elenco: Vida Alves, Cleyde Yáconis, Eva Wilma, Aracy Balabanian, Luiz Gustavo, Ana Rosa, Carlos Eduardo Dolabella

Sinopse: A história de quatro mulheres e seus relacionamentos amorosos.

1967

• *Os Rebeldes*

De: Geraldo Vietri - Direção: Geraldo Vietri -

Elenco: Gian Carlo, Ana Rosa, Dennis Carvalho.

Guy Loup, Marlene França, Ademir Rocha, Anna Maria Dias

Sinopse: Pais, filhos, mestres, alunos se defrontam em uma sala de aula.



Os Rebeldes, com Maria Luíza Castelli e Elias Gleiser





Os Amores de Bob, com Ana Maria Dias...



... com Henrique César e Roberto Orosco



123

... com Henrique César e Roberto Orosco

1968

- *Os Amores de Bob* (Bob)

De: Lúcia Lambertini - Direção: Lúcia Lambertini

- Elenco: Roberto Orosco

Sinopse: Bob seduz muitas mulheres, mas elas acabam ficando com Vareta.

- *Antônio Maria* (Gustavo)

De: Geraldo Vietri e Walter Negrão - Direção:

Geraldo Vietri - Elenco: Sérgio Cardoso, Aracy Balabanian, Maria Luiza Castelli, Carmem Monegal, Dennis Carvalho, Norah Fontes

Sinopse: Um português é motorista da casa de um milionário, torna-se amigo e conselheiro do patrão, após a *débâcle* financeira. Gustavo é o filho da empregada da mansão.



Antônio Maria, com Paulo Figueiredo, Dennis Carvalho e Giancarlo.

1969

• *Nino, o Italianinho* (Rubinho)

De: Geraldo Vietri e Walter Negrão - Direção: Geraldo Vietri - Elenco: Juca de Oliveira, Aracy Balabanian, Bibi Vogel, Mirian Muniz, Elias Gleiser, Etty Fraser, Elizabeth Hartman

Sinopse: Em uma vila no bairro do Bixiga moram os personagens da novela, dentre eles, Nino, um açougueiro, Bianca, uma jovem tímida e apaixonada por Nino, Rubinho e seus irmãos.

1970

- *As Bruxas* (Tito)

De: Ivani Ribeiro - Direção: Walter Avancini -
Elenco: Natália Thimberg, Lima Duarte, Cláudio
Corrêa e Castro, Walmor Chagas, Odete Lara,
Joana Fomm

Sinopse: Téo ama Stella e a tira do manicômio,
quando ela é internada pelo pai Otto.

- *Simplesmente Maria* (Toninho)

De: Benjamim Cattán e Benedito Ruy Barbosa
- Direção: Benjamim Cattán e Walter Avancini
- Elenco: Yoná Magalhães, Carlos Alberto, Ênio
Gonçalves, Walderez de Barros, Etty Fraser, Irene
Ravache, Paulo Figueiredo

Sinopse: Maria é seduzida pelo seu patrão e
tem um filho, Toninho, motivo de problemas e
orgulho mais tarde.

- *Vitória Bonelli* (Tiago Bonelli)

De: Geraldo Vietri - Direção: Geraldo Vietri - Elen-
co: Berta Zemel, Carlos Alberto Riccelli, Carlos
Augusto Strazzer, Etty Fraser, Paulo Figueiredo
Sinopse: Vitória, que ficou trancada dentro de um
quarto por 20 anos, enfrenta um mundo hostil ao
decidir defender os quatro filhos: Tiago, Mateus,
Lucas e Verônica.

1971

- *Hospital* (Luiz Carlos)

De: Benjamim Cattan - Direção: Walter Avancini
- Elenco: Altair Lima, Glaucê Rocha, Maria Isabel de Lizandra, Stênio Garcia, Marilu Martinelli, Carlos Alberto Riccelli

Sinopse: O dia-a-dia de médicos, pacientes e enfermeiros dentro de um grande hospital.

- *Na Idade do Lobo* (Tenente Miguel)

De: Sérgio Jockyman - Direção: Walter Avancini e Carlos Zara - Elenco: Carlos Alberto, Bete Mendes, Irene Ravache, Maria Isabel de Lizandra, Dennis Carvalho, Márcia de Windsor

Sinopse: Homem quarentão apaixona-se por uma jovem do Exército da Salvação. Tenente Miguel é um dos integrantes do Exército da Salvação.

1973

- *Rosa-dos-Ventos* (Quico)

De: Teixeira Filho - Direção: Henrique Martins - Elenco: Wanda Stephania, Adriano Reys, Nicete Bruno, Elias Gleiser, Natália Thimberg, Arlete Montenegro, Geraldo Del Rey

Sinopse: Juliana abandona o hábito e encanta dois homens: o jovem rebelde Quico e o professor quarentão, Antônio Carlos.

1974

- *Os Inocentes* (Marcelo)

De: Ivani Ribeiro - Direção: Edson Braga - Direção-geral: Carlos Zara - Elenco: Cleyde Yáconis, Cláudio Corrêa e Castro, Rolando Boldrin, Luiz Gustavo, Márcia Maria, Adriano Reys, Ana Rosa
Sinopse: Juliana volta à pequena cidade de Roseiral disposta a se vingar de todos.

- *Ídolo de Pano* (Luciano)

De: Teixeira Filho - Direção: Henrique Martins - Supervisão: Carlos Zara - Elenco: Elaine Cristina, Dennis Carvalho, Joana Fomm, Laura Cardoso, Carmen Silva, Sílvio Rocha, Ewerton de Castro
Sinopse: Luciano é um jovem farrista que não pensa em estudar, nem trabalhar. Sua avó, Pauline,

127



Ídolo de Pano, com Carmen Silva



Ídolo de Pano, com Dennis Carvalho

sonha que ele assuma o negócio da família. Jean, o outro neto, no entanto, conspira pelo poder.

1975

• *A Viagem* (Téo)

De: Ivani Ribeiro - Direção: Edson Braga - Supervisão: Carlos Zara - Elenco: Eva Wilma, Altair Lima, Elaine Cristina, Ewerton de Castro, Rolando Boldrin, Irene Ravache, Joana Fomm

Sinopse: Alexandre mata um homem em um assalto e é denunciado pelo irmão Alexandre e pelo cunhado Téo. Condenado, comete suicídio e volta para se vingar de todos que o fizeram sofrer.



A Viagem, com Eva Wilma

Segunda a sábado, 8 da noite.

O JULGAMENTO



O Julgamento

Telenovela inspirada em Os Irmãos Karamazov, de Dostoievsky.
Adaptação de Renata Palotini e Carlos Queiroz Telles.

**EVA WILMA E CARLOS ZARA
ADRIANO REYS, TONY RAMOS,
EWERTON DE CASTRO
E CLÁUDIO CORRÊA E CASTRO.**



REDE TUPI

HÁ 26 ANOS

A TELEVISÃO DO BRASIL



Um oferecimento

Kolynos



1976

***O Julgamento* (Lico)**

De: Carlos Queiroz Telles e Renata Pallottini - Direção: Edson Braga e Álvaro Fugulin - Direção-geral: Edson Braga - Elenco: Carlos Zara, Eva Wilma, Cláudio Corrêa e Castro, Adryano Reis, Elaine Cristina, Cleyde Yáconis, Lélia Abramo

Sinopse: Lourenço vive em conflito com seus filhos: Dimas, Ivan e o frade Lico o adotivo Zé Maria. Seu assassinato é imputado a Dimas, que tenta provar a sua inocência.

TV Globo

1977

• *O Astro* (Márcio)

De: Janete Clair - Direção: Daniel Filho e Gonzaga Blota - Elenco: Francisco Cuoco, Dina Sfat, Elizabeth Savalla, Dionísio Azevedo, Tereza Rachel, Edwin Luisi, Rubens de Falco

Sinopse: Márcio é filho do poderoso Salomão Hayalla, que deseja que o filho assuma os negócios. Márcio, porém, não se interessa por dinheiro e acaba abandonando a casa do pai. Aí conhece Herculano, um vidente de churrascaria, que acaba se tornando diretor da empresa, após influenciar Márcio a assumir o comando.



O Astro

133

- *Espelho Mágico* (Paulo Morel)

De: Lauro César Muniz - Direção: Daniel Filho, Gonzaga Blota e Marco Aurélio Bagnó - Direção-geral: Daniel Filho - Elenco: Tarcísio Meira, Glória Menezes, Juca de Oliveira, Yoná Magalhães, Lima Duarte, Sônia Braga

Sinopse: O cotidiano de um grupo de pessoas do meio artístico: atores, diretores, participantes novela *Coquetel de Amor*. Paulo Morel é um dos atores.

- Apresentação do programa *Globo de Ouro* com Christiane Torloni (77) e com Myriam Rios (78)

1978

- *O Caminho das Pedras Verdes*

Caso Especial, de Paulo Mendes Campos. Direção: Paulo José

1979

- *Pai Herói* (André Cajarana)

De: Janete Clair - Direção: Gonzaga Blota - Elenco: Elizabeth Savalla, Glória Menezes, Paulo Autran, Carlos Zara, Lima Duarte, Paulo Gracindo, Rosamaria Murtinho

Sinopse: André Cajarana busca elucidar a morte do pai e se defronta com um grande inimigo: Bruno Baldaracci, atual marido de sua mãe. Impedido de se aproximar dela, é acolhido por Ana Preta, a dona de uma gafieira, e depois seduz Carina, uma bailarina que abandona o marido mau-caráter César.

1980

- *Chega Mais* (Tom)

De: Carlos Eduardo Novaes - Direção: Roberto Vignatti, Reynaldo Boury e Walter Campos - Direção-geral: Gonzaga Blota - Elenco: Sônia Braga, Renata Sorrah, Osmar Prado, Rosamaria Murtinho, Ney Santanna, Renata Fronzi, Cláudio Corrêa e Castro

Sinopse: Tom simula o próprio seqüestro no dia de seu casamento com Gelly, para tirar dinheiro da família dela.



Chega Mais, com Sônia Braga

1981

• *Baila Comigo* (João Victor Gama e Quinzinho)
De: Manoel Carlos - Direção: Roberto Talma e Paulo Ubiratan - Elenco: Lílian Lemmertz, Raul Cortez, Tereza Rachel, Fernando Torres, Fernanda Montenegro, Betty Faria, Reginaldo Faria
Sinopse: João Victor e Quinzinho são filhos gêmeos de Helena, mas foram criados separados sem saber a existência do outro. João Victor ficou com o pai Joaquim, rico empresário; Quinzinho foi criado pela mãe e trabalha em um banco. Com a volta de Quim ao Brasil as confusões começam.

- *Os Amores de Castro Alves*

Caso Especial, de Doc Comparato. Direção Fábio Sabag

1982

- *Sol de Verão* (Abel)

De: Manoel Carlos - Direção: Roberto Talma, Jorge Fernando e Guel Arraes - Direção-geral: Roberto Talma - Elenco: Jardel Filho, Irene Ravache, Débora Bloch, Beatriz Segall, Gianfrancesco Guarnieri, Yara Amaral, Isabel Ribeiro

Sinopse: Deficiente auditivo, Abel procura pistas sobre o seu passado. É funcionário de Heitor, que tem um tórrido romance com Rachel.

136

- *O Menino do Olho Azul*

Caso Verdade, de Walter Negrão. Direção: Walter Campos

1983

- *Champagne* (Nilson, o Nil)

De: Cassiano Gabus Mendes - Direção: Wolf Maya, Mário Márcio Bandarra, Fred Confalonieri - Direção-geral: Wolf Maya - Supervisão: Paulo Ubiratan - Elenco: Irene Ravache, Lúcia Veríssimo, Antônio Fagundes, Jorge Dória, Marieta Severo, Louise Cardoso, Armando Bógus

Sinopse: Nil luta para inocentar seu pai, Gastão, de um crime ocorrido 13 anos atrás. Três mulheres fazem parte de sua vida: a namorada

suburbana Marly; a *socialite* Alice e a classe média Eli.

- *Pernoca*

Episódio de *O Bem Amado*, de Dias Gomes



Pernoca, em *O Bem Amado*

1984

- *Livre para Voar* (Pardal)

De: Walter Negrão - Direção: Wolf Maya e Fred Confalonieri - Direção-geral: Wolf Maya - Elenco: Carla Camuratti, Carlos Augusto Strazzer, Nívea Maria, Cássia Kiss, Edney Giovenazzi, Fernando Almeida, Laura Cardoso

Sinopse: Pardal esconde seu verdadeiro nome e seu passado, quando chega em uma cidade. Logo conhece se apaixona por Cristina, uma operária, que também guarda um mistério.

1985

- *Grande Sertão: Veredas* (Riobaldo)

138 Minissérie em 25 capítulos, baseada no livro de Guimarães Rosa

De: Walter George Durst - Direção-geral: Walter Avancini - Elenco: Bruna Lombardi, Tarcísio Meira, José Dumont, Rubens de Falco, Taumaturgo Ferreira, José Dumont

Sinopse: O vaqueiro Riobaldo conta as suas andanças pelo sertão, ao lado de seu companheiro Diadorim.

1986

- *Selva de Pedra* (Cristiano Vilhena)

De Janete Clair, atualizada por Regina Braga e Elói Araújo - Direção: Walter Avancini, Dennis Carvalho, Ricardo Waddington e José Carlos Pieri - Direção-geral: Dennis Carvalho - Elenco: Fernanda

Torres, Christiane Torloni, Miguel Falabella, José Mayer, Sebastião Vasconcellos, Walmor Chagas, Stênio Garcia

Sinopse: Cristiano, filho de pregador, intromete-se numa confusão que resulta na morte de Gastão. Simone, testemunha da briga, apaixonou-se por Cristiano. Quando eles vêm morar no Rio, no entanto, ele é seduzido pela rica Fernanda.

1988

• *O Primo Basílio* (Jorge)

Minissérie em 16 capítulos, baseada no livro de Eça de Queiroz

De: Gilberto Braga - Direção-geral: Daniel Filho - Elenco: Marília Pêra, Giulia Gam, Marcos Paulo, Beth Goulart, José de Abreu, Pedro Paulo Rangel, Sérgio Viotti

Sinopse: Basílio ama sua prima Luiza, mas é obrigado a viajar para o Brasil. Embora tenha prometido casamento à prima, logo suas cartas escasseiam. Ela se casa com Jorge, mas quando Basílio volta a paixão recomeça. O adultério é descoberto pela sinistra criada Juliana, que chantageia a patroa.

• *Bebê a Bordo* (Tonico Ladeira)

De: Carlos Lombardi - Direção: Roberto Talma, Antônio Rangel, Marcelo de Barreto e Paulo Trevisan - Direção-geral: Roberto Talma - Elenco: Dina Sfat, Isabela Garcia, Maria Zilda, Ary Fon-



O Primo Basílio

toura, Armando Bógus, Débora Duarte, Paulo Figueiredo

Sinopse: Heleninha nasce no carro de Tonico, quando Ana pega uma carona para fugir da polícia. Tonico é um dos candidatos a pai da criança.

• *O Pai da Moça*, Tarcísio & Glória
de Euclides Marinho. Direção: Roberto Talma

1990

• *Rainha da Sucata* - (Eduardo Albuquerque Figueroa - Edu)

De: Sílvio de Abreu - Escrita por: Sílvio de Abreu, Alcides Nogueira e José Antônio de Souza - Direção: Jorge Fernando, Mário Márcio Bandarra, Fábio Sabag e Jodele Larcher - Direção-geral: Jorge Fernando - Elenco: Regina Duarte, Glória Menezes, Daniel Filho, Renata Sorrah, Aracy Balabanian, Antônio Fagundes, Marisa Orth, Paulo Gracindo

Sinopse: Maria do Carmo fez fortuna com o negócio de ferro-velho e se prepara para abrir uma casa de espetáculos. Seu sucesso, porém, não apaga a mágoa de ter sido rejeitada no passado pelo então milionário Edu, que enfrenta problemas financeiros com seu pai Betinho e a madrasta Laurinha.

1991

- *O Sorriso do Lagarto* (João)

Minissérie em 52 capítulos, baseada no romance de João Ubaldo Ribeiro

De: Walter Negrão e Geraldo Carneiro - Direção: Roberto Talma - Elenco: Maitê Proença, Raul Cortez, José Lewgoy, Pedro Paulo Rangel, Lúcia Veríssimo, Carlos Augusto Strazzer

Sinopse: O biólogo, que se dedica à pesca, João, apaixona-se por Ana Clara, a infeliz esposa de Ângelo, perigoso corrupto.

- *Felicidade* (Álvaro Peixoto)

De: Manoel Carlos - Direção: Denise Saraceni, Ignácio Coqueiro e Fernando de Souza - Direção-geral: Denise Saraceni - Elenco: Viviane Pasmanter, Maitê Proença, Herson Capri, Laura Cardoso, Edney Giovanazzi, Othon Bastos

Sinopse: Helena e Álvaro se amam, mas ela decide casar com Mário. Quando seu casamento fracassa ela seduz Álvaro, fica grávida, mas ele está de casamento marcado com Débora.

1992

- Apresentador em duas fases do programa *Você Decide*

Direção-geral: Marcos Paulo, Luís Antonio Piá, Paulo José, Dennis Carvalho, Roberto Talma, Fábio Sabag, Herval Rossano. Supervisão de Texto: Geraldo Carneiro. Estréia: 08/04/1992 - Término: 17/08/2000

1993

• *Olho no Olho* (Guido)

De: Antônio Calmon - Escrita por: Antônio Calmon, Vinícius Vianna, Lílian Garcia, Tiago Santiago, Patrícia Travassos e Tetê Smith de Vasconcellos - Direção: Ricardo Waddington, Ary Coslov e Rogério Gomes - Direção-geral: Ricardo Waddington - Elenco: Natália do Valle, Reginaldo Faria, Helena Ranaldi, Jorge Dória, Sérgio Mamberti, Cleyde Yáconis, Felipe Folgosi

Sinopse: O padre Guido, que mora em Roma e é especializado em parapsicologia, retorna ao Brasil, após descobrir um segredo que abrange uma organização criminosa, liderada por César. Aqui, larga a batina e se apaixona-se por Débora.

143



Olho no Olho

- *O Santo que não acreditava em Deus*, Terça Especial, de João Ubaldo Ribeiro, adaptação de João Ubaldo e Geraldo Carneiro. Direção: Roberto Talma



Terça Nobre Especial, O Santo que não acreditava em Deus

1994

- *A Comédia da Vida Privada*, Brasil Especial, de Luis Fernando Veríssimo. Adaptação de Guel Arraes e outros. Direção: Guel Arraes.

1995

- *A próxima vítima* (Juca Mestieri)
De: Sílvio de Abreu - Escrita por: Sílvio de Abreu,
Alcides Nogueira e Maria Adelaide Amaral - Dire-

ção: Jorge Fernando, Rogério Gomes, Marcelo Travesso, Alexandre Boury - Direção-geral: Jorge Fernando - Elenco: Suzana Vieira, José Wilker, Aracy Balabanian, Cláudia Ohana, Paulo Betti, Lima Duarte, Gianfrancesco Guarnieri

Sinopse: Ana, a alegre dona de uma cantina, tem um relacionamento com Marcelo, marido de Francesca Ferreto. Seu eterno admirador é Juca, meio – irmão de Marcelo, homem simples, dono de uma barraca de frutas no Mercado Municipal. Tudo se complica com o assassinato de Francesca.

1996

• *Anjo de mim* (Floriano Ferraz/ Belmiro Castanho)

De: Walter Negrão – Escrita por: Walter Negrão, Elizabeth Jhin, Ângela Carneio, Vinícius Vianna – Direção: Ricardo Waddington, Ary Coslov, Alexandre Avancini, Edson Spinello – Direção-geral: Ricardo Waddington – Elenco: Helena Ranaldi, Herson Capri, Viviane Pasmanter, Elias Gleiser, Otávio Augusto, Milton Gonçalves, Carolina Kasting
Sinopse: Floriano Ferraz descobre que no passado foi Belmiro Castanho, um militar apaixonado pela jovem Valentina. E decide ir ao encontro marcado com seu antigo amor, encontrando várias mulheres que pensa serem a reencarnação de Valentina.

• Programas da série *A Vida Como Ela É: Quem Morre Descansa, Grande Pequena, O Decote, Para Sempre Desconhecida, Covardia, Viúva*
Crônicas de Nelson Rodrigues. Adaptação de Euclydes Marinho. Colaboração: Denise Bandeira, Carlos Gregório. Direção: Daniel Filho.

1998

• *Torre de Babel* (José Clementino da Silva)
De: Sílvio de Abreu - Escrita por: Sílvio de Abreu, Alcides Nogueira e Bosco Brasil - Direção: Denise Saraceni, José Luiz Villamarin, Carlos Araújo e Paulo Silvestrini - Direção-geral: Denise Saraceni - Elenco: Tarcísio Meira, Glória Menezes, Maitê Proença, Cláudia Raia, Edson Celulari, Marcos Palmeira, Adriana Esteves
Sinopse: José Clementino mata a sua mulher, crime que é testemunhado por seu patrão César. Durante os anos na prisão, José Clementino arquiteta a vingança, explodir o Tropical Towers, *shopping* do empresário.

• *Desencontro, Você Decide*, de Thiago Santiago.
Direção: Herval Rossano.

1999

• *Novela da Vida Privada*, episódio de *Sai de Baixo*
Redação Final: Cláudio Paiva, Flávio de Souza, Flávio Marinho, Juca Filho, César Cardoso, Mauro

Wilson, Jorge Fernando. Direção: Daniel Filho, Dennis Carvalho, José Wilker, Jorge Fernando.

2000

- *Laços de Família* (Miguel)

De: Manoel Carlos - Direção: Moacyr Góes e Leandro Néri - Direção-geral: Ricardo Waddington, Rogério Gomes, Marcos Schechtman - Elenco: Vera Fischer, Carolina Dieckman, Reynaldo Gianechini, José Mayer, Deborah Secco, Giovana Antonelli, Luigi Baricelli, Marieta Severo

Sinopse: Helena sofre um acidente de trânsito e conhece Miguel, um charmoso livreiro, e Edu, jovem médico recém-formado, e acaba se relacionando ao longo da trama com os dois.

147

2001

- *A Incrível Batalha das Filhas da Mãe no Jardim do Éden* (Manolo Gutierrez)

De: Sílvio de Abreu - Escrita por: Sílvio de Abreu, Alcides Nogueira e Bosco Brasil - Direção: Marcelo Travesso e Marcos Alvisi - Direção-geral: Jorge Fernando - Elenco: Fernanda Montenegro, Raul Cortez, Andréa Beltrão, Cláudia Raia, Bete Coelho, Regina Casé, Cláudio Ohana, Cleide Yáconis

Sinopse: Lulu reúne suas filhas após seu ex-marido aplicar enorme golpe em seus sócios, dentre eles o extravagante dono de bingo, Manolo Gutierrez.

2003

- *Mulheres Apaixonadas* (Téo)

De: Manoel Carlos - Direção: Ary Coslov e Marcelo Travesso - Direção-geral: Ricardo Waddington, José Luiz Villamarin e Rogério Gomes - Elenco: Christiane Torloni, Suzana Vieira, José Mayer, Vanessa Gerbelli, Camila Pitanga, Giulia Gam, Marcelo Antony

Sinopse: Helena começa a questionar a sua relação com o músico Téo, com quem está casada há 15 anos e se reencontra com seu antigo amor, César. Já Téo se divide entre a vida caseira, os shows e uma relação misteriosa com Fernanda.

148

2004

- *Cabocla* (Coronel Boanerges)

De: Benedito Ruy Barbosa - Adaptação: Edmara Barbosa, Edilene Barbosa - Direção: José Luiz Villamarin e Rogério Gomes - Direção-geral: Ricardo Waddington - Elenco: Vanessa Giacomio, Daniel de Oliveira, Mauro Mendonça, Patrícia Pillar, Danton Mello, Malvino Salvador, Regiane Alves

Sinopse: O jovem Luís deixa a sua cidade para se refugiar no interior. Na fazenda do Coronel Boanerges, um dos líderes políticos da região, conhece Zuca, uma cabocla por quem se apaixona.

2005

- *Mad Maria* (Percival Farquhar)

Minissérie baseada em livro de Márcio de Souza

De: Benedito Ruy Barbosa - Direção: Amora Mautner, José Maria Villamarim - Direção-geral: Ricardo Waddington - Elenco: Ana Paula Arósio, Fábio Assunção, Edson Celulari, Antonio Fagundes, Cássia Kiss, Cláudia Raia, Priscilla Fantin
Sinopse: A epopéia da construção da linha férrea Madeira-Mamoré, um dos empreendimentos do empresário americano Farquhar, que não poupa meios, mesmo ilegais, para levar adiante seus negócios.

• *Belíssima* (Nikos)

De: Sílvio de Abreu - Direção: Flávia Lacerda, Gustavo Fernandez, Natália Grimberg - Direção-geral: Denise Saraceni, Carlos Araújo, Luiz Henrique Rios - Direção de Núcleo: Denise Saraceni – Elenco: Fernanda Montenegro, Glória Pires, Marcello Antony, Cláudia Abreu, Irene Ravache, Lima Duarte, Cláudia Raia, Leopoldo Pacheco
Sinopse: O grego Nikos vem ao Brasil para conhecer o filho, Cemil, que teve com Katina, casada com o turco Murat, que pensa ser o verdadeiro pai do rapaz. Todos estão, de alguma maneira, relacionados a Bia Falcão, poderosa diretora da empresa de *lingerie* Belíssima.

Teatro

- *Quadros da Vida*, compilação de textos e direção de Geraldo Vietri
- *Quando as Máquinas Param*, de Plínio Marcos, direção de Jonas Bloch
- *Os Rapazes da Banda*, de Mart Crowley, direção de Maurice Vaneau
- *Pequenos Assassinos*, de Jules Feiffer, direção de Osmar Rodrigues Cruz
- 150 • *Um Grito de Liberdade*, de Sérgio Viotti, direção de Osmar Rodrigues Cruz
- *Caiu o Ministério*, de França Júnior, direção de Osmar Rodrigues Cruz
- *Absurda Pessoa no Singular*, de Alan Ackburn, direção de Renato Borghi
- *Leito Nupcial*, de Jan de Hartog, direção de Emílio de Biasi
- *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, direção de Flávio Rangel
- *Lúcia McCartney*, de Rubem Fonseca, direção de Miguel Falabella

- *A Morte e a Donzela*, de Ariel Dorfman, direção de José Wilker



A Morte e a Donzela, com Xuxa Lopes

151

- *Cenas de um casamento*, de Ingmar Bergman, direção de Vivian Buckup
- *Novas diretrizes em tempo de paz*, de Bosco Brasil, direção de Ariela Goldman

Cinema

1968

- *O pequeno mundo de Marcos*

Roteiro e direção: Geraldo Vietri

Elenco: Marcos Plonka, Ana Rosa, Gian Carlo, Marlene França, Maria Luiza Castelli, Norah Fontes

1971

- *Diabólicos Herdeiros*

Direção e roteiro: Geraldo Vietri

Elenco: Canarinho, Dennis Carvalho, Paulo Figueiredo, Etty Fraser, Elias Gleiser, Ana Rosa, Marcos Plonka, Elizabeth Hartmann

152

1976

- *Ninguém Segura Estas Mulheres* - episódio *Pastéis para Uma Mulata*



Olho no Olho

Direção: Jece Valadão

Elenco: Aizita Nascimento, Paulo Fortes, Wilson Grey, Luiz Fernando Lanelli, Ademar Rodrigues, Marcelo Heleno, Jotta Barroso, Francisco Silva

1984

• *Noites do Sertão*

Direção e roteiro: Carlos Alberto Prates, baseado em Guimarães Rosa

Elenco: Cristina Aché, Maria Alves, Sura Berditchevsky, Débora Bloch, Carlos Kroeber, Antônio Grassi



Noites do Sertão, com Carlos Wilson

1987

- *Leila Diniz*

Direção e roteiro: Luiz Carlos Lacerda

Elenco: Louise Cardoso, Paulo César Grande, Diogo Vilella, Carlos Alberto Riccelli, Marieta Severo, Antônio Fagundes

1989

- *Minas Texas*

Direção e roteiro: Carlos Alberto Prates

Elenco: Andréa Beltrão, José Dumont, Wilson Grey, Maria Sílvia

1997

- *O Noviço Rebelde*

Direção: Tizuka Yamasaki - Roteiro: Renato Aragão

Elenco: Renato Aragão, Patrícia Pillar, Cláudio Corrêa e Castro, Sandy & Júnior



O Noviço Rebelde, com Patrícia Pillar



O Noviço Rebelde, com Sandy&Junior, Thelma Reston, Renato Aragão e Patrícia Pillar

• *Pequeno Dicionário Amoroso*

Direção: Sandra Werneck - Roteiro: Paulo Halm e José Roberto Torero

Elenco: Andréa Beltrão, Daniel Dantas, Mônica Torres

2001

• *Bufo & Spallanzani*

Direção: Flávio Tambellini - Roteiro: Rubem Fonseca, Patrícia Melo e Flávio Tambellini, baseado em livro de Rubem Fonseca

Elenco: José Mayer, Gracindo Jr., Isabel Guéron, Maitê Proença, Tony Ramos, Zezé Polessa, Matheus Nachtergaele, Milton Gonçalves

156

2005

• *Se Eu Fosse Você*

Direção: Daniel Filho - Roteiro: Carlos Gregório, René Belmonte, Adriana Falcão, Daniel Filho

Elenco: Glória Pires, Thiago Lacerda, Patrícia Pillar, Glória Menezes, Lavínia Vlasak, Maria Gladys

Show

Olé, Olá – Meu Refrão, roteiro de Flávio de Souza,
direção de Abelardo Figueiredo - Palladium

Prêmios

TV

Diversos prêmios de “Melhor Ator”, concedidos pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Ganhador por muitos anos do Troféu Imprensa, como Melhor Ator do ano. Diversas medalhas, troféus e placas conferidas por várias associações e jornais, como *O Globo*, *Extra* e *O Dia* e revistas especializadas em televisão.

Teatro

Prêmio Shell 2002, por *Novas diretrizes em tempo de paz*

158

Cinema

Prêmio no Festival de Gramado (Kikito) em 2001, por *Bufo & Spallanzani*.

Prêmio no Festival de Cinema em Miami, por *Bufo & Spallanzani*.

Índice

Apresentação - Hubert Alquéres	5
Introdução - Tania Carvalho	11
Sei o Que Sou	19
Vida, Vida Minha	29
A Locomotiva da Arte	43
Caçador de Almas	75
No Palco	87
Na Tela	103
O Preço do Sucesso e da Felicidade	109
Como Será o Amanhã?	115
Cronologia	119

Créditos das fotografias

Leonardo Gueisa 68 (sup)

Cristina Granato 83

Nana Moraes 86

O Globo 92

Guga Melgar 93

Jesuíno 94, 95

Lenise Pinheiro 96, 98, 100, 151

Cinedistri 122

Lílian Aragão 155

Ed. Abril/ J. Ferreira da Silva 127, 128

TV Globo/Jorge Baumann 143, 144

Demais fotografias: acervo pessoal de Tony Ramos

Coleção Aplauso

Perfil

Anselmo Duarte - O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Aracy Balabanian - Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Bete Mendes - O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Carla Camurati - Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Carlos Coimbra - Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach -

O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

Cleyde Yaconis - Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso - Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Djalma Limongi Batista - Livre Pensador

Marcel Nadale

Etty Fraser - Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Gianfrancesco Guarnieri - Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Helvécio Ratton - O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

Ilka Soares - A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache - Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

**João Batista de Andrade -
Alguma Solidão e Muitas Histórias**

Maria do Rosário Caetano

John Herbert - Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

José Dumont - Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Niza de Castro Tank - Niza Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti - Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo Goulart e Nicette Bruno - Tudo Em Família

Elaine Guerrini

Paulo José - Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Reginaldo Faria - O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi - Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Consorte - Contestador por Índole

Eliana Pace

Rodolfo Nanni - Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Rolando Boldrin - Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho - Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco - Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza - Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst - Um Ator de Cinema

Maximo Barro

Sérgio Viotti - O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Sonia Oiticica - Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Ugo Giorgetti - O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Walderez de Barros - Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Especial

Dina Sfat - Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

***Gloria in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

Maria Della Costa - Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca - Uma Celebração

Tania Carvalho

Sérgio Cardoso - Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

163

Cinema Brasil

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores

Carlos Reichenbach e Daniel Chaia

Cabra-Cega

Roteiro de DiMoretti, comentado por Toni Venturi
e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Vittorio Capellaro comentado por Maximo Barro

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Luís Sérgio Person e Jean-Claude Bernardet

Como Fazer um Filme de Amor

José Roberto Torero

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Dois Córregos

Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade por Ariane Abdallah e Newton Cannito

Narradores de Javé

Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Teatro Brasil

Alcides Nogueira - Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta e o Circo Teatro

Danielle Pimenta

Luís Alberto de Abreu - Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Trilogia Alcides Nogueira - ÓperaJoyce -

Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso -

Pólvora e Poesia

Alcides Nogueira

Ciência e Tecnologia

Cinema Digital

Luiz Gonzaga Assis de Luca

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Carvalho, Tania

Tony Ramos : no tempo da delicadeza / por Tânia Carvalho. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

168p. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil/ coordenador geral Rubens Ewald Filho).

ISBN 85-7060-233-2 (Obra completa) (Imprensa Oficial)

ISBN 85-7060-444-0 (Imprensa Oficial)

1. Atores e atrizes cinematográficos – Brasil 2. Atores e atrizes de teatro – Brasil 3. Atores e atrizes de televisão 4. Ramos, Tony I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD – 791.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Atores brasileiros : Biografia : Representações públicas : Artes 791.092

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
(Lei nº 1.825, de 20/12/1907.)

Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 - Mooca

03103-902 - São Paulo - SP - Brasil

Tel.: 11 6099-9800

Fax: 11 6099-9674

www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual

e-mail: livros@imprensaoficial.com.br

SAC 0800-0123401

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual

ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 6099-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br

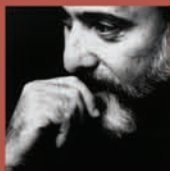
Com mais de quarenta anos de profissão, **Tony Ramos** está no auge de sua carreira. Sucesso na televisão (como astro da novela *Belíssima*, de Silvio de Abreu), no teatro (em peças como a premiada *Novas diretrizes em tempos de paz*), no cinema (a comédia *Se eu fosse você*, de Daniel Filho), Tony é um dos atores mais queridos e admirados do Brasil.



Citando Chico Buarque, a autora do livro, a jornalista **Tania Carvalho** (que fez também para a **Coleção Aplauso** biografias de Irene Ravache, Paulo José e Ney Latorraca), o chamou de *No Tempo da delicadeza*. Uma referencia poética às qualidades de Tony: “educado, carinhoso, preocupado, ético, amigo, cidadão, tem bastante claro que a vida é, antes de tudo, simples e que é preciso vivê-la com ternura e delicadeza.” escreve Tania.



Essas qualidades ficam claras neste registro da trajetória de uma pessoa de bem com a vida, que é casado, a vida inteira, com a mesma mulher, Lidiane, e que desde muito jovem, paranaense, já se consagrou como ator, na antiga TV Tupi de São Paulo, onde foi um dos grandes astros das telenovelas. A mudança para o Rio e a Rede Globo, e o constante sucesso e prestígio desde então têm sido uma decorrência natural. Um exemplo de vida e seriedade profissional, em mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**, dentro de sua proposta de resgate e preservação de nossa memória cultural.



ISBN 85-7060-444-0



9 788570 604446